



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA LITERATURA

POLLYANNA VANESSA DOS SANTOS VIEIRA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DO CORURIPENSE: UMA
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

MACEIÓ

2019

POLLYANNA VANESSA DOS SANTOS VIEIRA

A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DO CORURIPENSE: UMA
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Dissertação apresentada como requisito para obter o título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Adelson Pinheiro Sedrins

MACEIÓ

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

V658c Vieira, Pollyanna Vanessa dos Santos.
A concordância verbal na fala do coruipense; uma análise sociolinguística
variacionista / Pollyanna Vanessa dos Santos Vieira. – 2019.
65 f., il.

Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins.

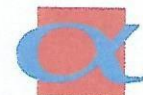
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 64-65.

1. Português brasileiro. 2. Língua falada – Coruípe (AL). 3. Sociolinguística variacionista. I. Título.

CDU: 800.86:869.0(81)





TERMO DE APROVAÇÃO

POLLYANNA VANESSA DOS SANTOS VIEIRA

Título do trabalho: "A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DO CORURIPENSE: Uma análise sociolinguística variacionista"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (UFPE)

Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (PPGLL/Ufal)

Maceió, 27 de junho de 2019.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.(...)*

João Cabral de Melo Neto – Tecendo a manhã

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Virgem Maria por terem me dado forças para transformar meu sonho em realidade.

Em seguida, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho, especialmente:

À minha mãe, Valmira dos Santos Vieira, que cuidou do meu filho com muito carinho quando eu não podia estar presente.

Ao meu pai (*in memória*) que sempre me apoiou em meus estudos.

À minha irmã, Vânia Priscila Vieira, e ao meu cunhado, Claudio Vieira, por me apoiarem e me ajudarem com meu filho.

Ao meu marido, Clódio Lopes, que, à sua maneira, me deu muito apoio e carinho.

Ao meu orientador, Adeilson Sedrins, por acreditar em mim, por ver em mim um potencial que eu não enxergava e pela paciência nos momentos difíceis que passei.

Aos professores da banca de qualificação, Marcelo Sibaldo e Elyne Vitória, pelas preciosas contribuições.

Aos amigos, André Luiz, Suziane Porto e Marcos Grutzmacher, pelo estímulo diário para concretização desse sonho.

Aos amigos Déreck Pereira e Selma Santos por me ajudarem a desvendar o GoldvarbX.

À Professora Telma Magalhães por disponibilizar seu tempo para a leitura de minha dissertação.

Ao Marcelo Amorim Sibaldo que com sua alegria sempre me estimulou a voar mais alto.

À Islene Marcelino que me acolheu nos momentos em que precisei.

À FAPAL pelo o incentivo financeiro, pois sem ele não teria terminado o curso.

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre a variação no fenômeno da concordância verbal na língua falada no município de Coruripe, que fica localizado no interior do estado de Alagoas, a uma distância de 95km da capital alagoana, Maceió. O estudo tem como objetivo precípua a análise do padrão de concordância verbal apresentado na variedade do português falado pelos moradores do município, observando em que medida variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam a variação. Para isso, a análise aqui apresentada é construída sob o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, cujo pressuposto é o de que toda língua é inerentemente heterogênea, sendo essa heterogeneidade passível de sistematização, a partir da conjugação de fatores linguísticos e sociais. Além disso, outro pressuposto do modelo, que guiou nossas análises e interpretações, é o de que a língua é o retrato sócio-cultural de uma comunidade, refletindo, assim, a identidade dos seus membros. Para a realização da pesquisa foram selecionados 36 informantes, estratificados de acordo com as variáveis sexo (masculino e feminino), escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e faixa etária (jovens, adultos e idosos). O estudo controlou as variáveis linguísticas *posição do sujeito em relação ao verbo*, *distância do sujeito em relação ao verbo* e *saliência fônica* e as variáveis sociais *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*. Os resultados apresentados correspondem à análise estatística realizada através do uso do programa Goldvarb X, a partir do qual foi possível obter os números percentuais e pesos relativos da interferência das variáveis no condicionamento da concordância verbal. A análise e os resultados aqui apresentados apontam para uma variação no fenômeno da concordância verbal na língua falada no município de Coruripe, sendo o fator extralinguístico escolaridade o mais significativo no condicionamento da variação, em seguida temos a saliência fônica, posição do sujeito e faixa etária, também selecionadas como significativas pelo programa computacional.

Palavras-chave: Concordância verbal, língua falada, Sociolinguística Variacionista, Coruripe.

ABSTRACT

In this text, we present the results of the study on the verbal agreement in the language spoken in the municipality of Coruripe, located in the inland side of Alagoas, south of the state, at a distance of 85km from the capital of Alagoas, Maceió. The study aims to analyze the pattern of verbal agreement, based on data produced by the inhabitants of Coruripe, observing that there are linguistic and extralinguistic variables conditioning the variation. The analysis is constructed under the theoretical-methodological framework of Variationist Sociolinguistics, whose presupposition is that of all language are inherently heterogeneous, being this heterogeneity amenable to systematization, based on the combination of linguistic and social factors. Moreover, another assumption of the model, which guided our analyzes and interpretations, is that language is the socio-cultural portrait of a community, thus reflecting the identity of its members. In order to carry out the research, 36 informants were stratified according to sex (male and female), schooling (elementary, middle and high school) and age group (young, adult and elderly). The study controlled the linguistic variables position of the subject in relation to the verb, distance of the subject in relation to the verb and phonemic salience and the social variables gender, schooling and age group. The results correspond to the statistical analysis performed through the use of the Goldvarb X program, from which it was possible to obtain the percentage numbers and relative weights of the interference of the variables in the conditioning of the verbal agreement. The analysis and results presented here point to a variation in the phenomenon of verbal agreement in the language spoken in the municipality of Coruripe, being an extralinguistic factor schooling the most significant in the conditioning of the variation, then we have the phonic salience, subject position and age range, also selected as significant by the computer program.

Keywords: Verbal agreement, spoken language, Sociolinguistic Variationist, Coruripe.

Lista de tabelas

Tabela 1: Distribuição de informantes por células sociais	43
Tabela 2: Variáveis linguísticas selecionadas para a pesquisa	44
Tabela 3: Códigos atribuídos às variáveis controladas	48
Tabela 4: Resultado geral da variável dependente binária de concordância na cidade de Coruripe	50
Tabela 5: Resultado para variável escolaridade	52
Tabela 6: Resultado para a variável <i>saliência fônica</i>	54
Tabela 7: Resultado para a variável <i>posição do sujeito</i>	56
Tabela 8: Resultado da presença e ausência de concordância verbal na variável faixa etária	58
Tabela 9: Resultado total para a variável <i>sexo</i>	60
Tabela 10: Resultado total para a variável <i>distância entre sujeito e verbo</i>	61
Tabela 11: Cruzamento da variável escolaridade com a variável <i>saliência fônica</i>	63
Tabela 12: Cruzamento das variável escolaridade com a variável <i>posição do sujeito</i>	64
Tabela 13 – Cruzamento da escolaridade com a variável faixa etária	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado geral das variantes de concordância verbal no município de Coruripe	50
Gráfico 2: Resultado geral da variável escolaridade	52
Gráfico 3: Resultado total da saliência fônica em porcentagem	55
Gráfico 4: Resultado percentual da variável posição do sujeito	56
Gráfico 5: Resultado geral da variável faixa etária	58
Gráfico 6: Resultado para variável sexo	60
Gráfico 7: Resultado percentual da variável sujeito-verbo	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 - A Sociolinguística variacionista.....	15
2.1.1- Variação e mudança.....	17
2.1.2- A faixa etária, tempo aparente e o tempo real.....	18
2.2- A concordância verbal	19
2.2.1 Estudos sobre concordância.....	24
3 - PROCESSOS METODOLÓGICOS	36
3.1 – A metodologia da Sociolinguística Variacionista	36
3.2 – Objetivos e hipótese da pesquisa	38
3.3 – A comunidade de fala	38
3.4 – Delimitação do corpus e coleta de dados	40
3.5 – Variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas	41
3.6 – Processo de transcrição, codificação e quantificação.....	45
4 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	47
4.1 – Variável dependente	47
4.2 – Variáveis significativas	49
4.2.1 – Variável escolaridade.....	49
4.2.2 – Variável saliência fônica	51
4.2.3 – Variável posição do sujeito	53
4.2.4 - A variável faixa etária	54
4.3 – Variáveis não significativas	57
4.3.1 - Sexo	57
4.3.2 – Variável distância entre sujeito e verbo	58
4.4 – Cruzamentos.....	60
4.4.1 -Cruzamento da variável escolaridade com a saliência fônica	60
4.4.2 - Cruzamento da escolaridade com a variável posição do sujeito	61
4.4.3 - cruzamento da variável escolaridade com a variável faixa etária	61
CONCLUSÕES	63
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

Ao delimitar o nosso estudo sobre o fenômeno da concordância verbal, nosso objeto de análise, partimos do pressuposto de que não há uniformidade no uso da língua pelos indivíduos, tanto na escrita, quanto na fala. Assim, o objetivo central da pesquisa, que culminou nesta dissertação de mestrado, foi identificar os fatores que influenciavam a falta de homogeneidade no que diz respeito ao fenômeno da concordância verbal, em dados de fala de membros de uma comunidade ainda não investigada no que tange esse fenômeno, tanto quanto sabemos.

Para esta dissertação foi escolhida a variável concordância verbal na fala dos habitantes de um interior alagoano, Coruripe, comunidade ainda não estudada sociolinguisticamente, e como variantes a aplicação ou não da desinência indicadora de plural na primeira e terceira pessoas dos verbos proferidos pelos cidadãos dessa cidade. Consideramos como variante e variável a definição dada por Tarallo (1986): ““Variantes” linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística.””, ou seja, variantes são várias maneiras de se expressar linguisticamente uma mesma coisa, enquanto a variável é o conjunto de variantes. Olhando para o nosso trabalho, temos como variável linguística a marcação de concordância verbal e como variantes a presença ou ausência de marcação do plural.

Nossas hipóteses considera a possibilidade de que em relação à variável “escolaridade”, falantes com ensino superior apresentassem mais concordância padrão que falantes com níveis de ensino mais baixos, tendo em vista ser a escolaridade uma das variáveis mais relevantes no estudo da concordância de acordo com estudos já realizados.

Também observamos como hipótese de que, em relação à variável “faixa etária”, esta demonstrasse que os jovens realizam mais concordância uma vez que essa faixa etária pode nos mostrar se haverá mudança ou variação estável.

Em relação à variável “distância entre sujeito e verbo”, a hipótese do nosso estudo foi a de que quanto maior fosse a distância entre sujeito da frase e o verbo, maior a possibilidade de não aplicação da concordância padrão. Essa variável foi vista como significativa nos trabalhos de Santos (2010) e Nunes dos Santos(2013).

Também foi analisada a “saliência fônica”, pois estudos comprovam (Naro&Sherre, 2007) que quanto maior for a saliência maior a possibilidade de concordância.

Para a variável “sexo” inferimos que as mulheres realizavam mais concordância do que os homens, pois “Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (LABOV,2008).

Já a variável “posição do sujeito” influencia na variedade padrão (com concordância), pois o sujeito anterior ao verbo possibilita mais concordância, já o sujeito posposto ao verbo dificulta a concordância verbal.

Esta dissertação, além desta introdução, está dividida em três capítulos. O capítulo 1 apresenta um breve panorama de pesquisas sobre o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro, delineando a dinâmica das variáveis linguísticas e extralinguísticas que têm se mostrado relevantes para o seu estudo. O capítulo 2 trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, onde apresentamos tanto o quadro teórico-metodológico que direcionou nosso estudo, bem como relatamos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta, seleção e análise dos dados. O terceiro capítulo apresenta a análise dos dados selecionados e tratados estatisticamente através do programa GoldVarbX.

Observando a escassez de trabalhos em concordância verbal na linha da variação e mudança linguística no estado de Alagoas, principalmente devido à dificuldade de compor ou ter acesso ao *corpus* de outras pesquisas, acreditamos que este trabalho trará contribuições ao estudo da concordância verbal em Alagoas e no Brasil. Vale mencionar, para não cometer injustiça que há pesquisas realizadas sob a ótica da variação linguística no estado alagoano (SANTOS,2010; COSTA *et al*,2011 entre outros), mas nenhuma sobre Coruripe.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, iremos discorrer sobre a base teórica que perpassa o estudo em tela, lançando mão dos trabalhos de Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), pioneiros nos estudos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Iremos discorrer também sobre trabalhos realizados observando a concordância verbal. Os trabalhos apresentados observaram as pesquisas realizadas em território alagoano e em seguida foram discutidos pela ordem de publicação.

2.1 - A Sociolinguística variacionista

O presente trabalho foi desenvolvido à luz da sociolinguística variacionista e tem como maior representante William Labov (2008 [1972]) que se debruçou nos estudos considerando a interação da língua com os aspectos sociais de uma comunidade, a fim de demonstrar que a língua utilizada no cotidiano dos indivíduos mesmo sendo considerada caótica, confusa e desordenada pode apresentar sistematicidade em meio à heterogeneidade, pois:

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA e BRAGA, 2013, p. 09)

Em outras palavras, a teoria da Variação e Mudança Linguística é um campo de estudo que une elementos linguísticos e extralinguísticos em comunidades de fala, uma vez que para Labov (2008, p.13), ao fazer uma reflexão sobre o termo sociolinguística, afirma: “Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”, ou seja, para haver um estudo linguístico não se deve separar o linguístico do social, do extralinguístico, mas sim, unir essas duas forças na tentativa de estudar a língua em sua totalidade, pois todo indivíduo está sujeito às pressões externas que podem ou não influenciar determinadas construções nas línguas.

Para a realização de um estudo nessa perspectiva teórica, faz-se necessário

explorar os conceitos de variável e variantes linguísticas.

A variável linguística é o elemento linguístico que possui duas ou mais formas de realização pelos falantes quando da utilização do vernáculo nas interações humanas, podendo emergir tanto na língua falada ou escrita. As variantes linguísticas são justamente as diferentes formas proferidas pelos falantes ao utilizar a língua em um ambiente não monitorado.

Para estudar o fenômeno linguístico em tela, se faz necessário a distinção entre variável dependente e variáveis independentes. A primeira é o fenômeno da variação que ocorre em determinado elemento linguístico. No nosso caso, a variação na marcação morfológica de concordância nos verbos com sujeitos no plural. A segunda, são os elementos que podem induzir a essa variação como idade, sexo, posição do sujeito entre outros.

Aprofundando mais na categorização das variáveis, ainda temos as variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas. As variáveis linguísticas são os elementos linguísticos que podem interferir na variação de determinado fenômeno (ex.: a distância entre o sujeito e o verbo, o paralelismo entre outros). Já as variáveis extralinguísticas, são chamadas também de variáveis sociais, pois considera as forças externas aos fatores linguísticos (ex.: sexo, escolaridade, faixa etária entre outros.).

Por não haver trabalhos em sociolinguística na cidade de Coruripe, esta dissertação também deseja observar a gradação da variável concordância verbal em cada faixa etária, lançando mão de uma das variáveis independentes a faixa etária, entrevistando falantes da área urbana da comunidade, caracterizando, dessa maneira, o trabalho no tempo aparente.

Por ser um trabalho que tem contato direto da autora do texto como os entrevistados, a autora fez o possível para não ceder ao paradoxo¹ do observador. Por se debruçar no estudo linguístico sistemático do vernáculo dos indivíduos, o pesquisador sociolinguístico durante a investigação se confronta com o paradoxo do observador, pois a sua presença e seus materiais de trabalho podem influenciar e direcionar o entrevistado para uma fala não espontânea, monitorada distante da real utilização da língua no cotidiano desse indivíduo. Labov (2008) nos apresenta algumas atitudes a serem tomadas para que a pesquisa não contemple o paradoxo.

¹ “Nosso objetivo é observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas” (LABOV, 2008, p. 83)

Assim, entendemos que uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emergja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausa, que se bem definidos, fazem com que a pessoas presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada.

O paradoxo do observador consiste na influência do entrevistador na fala do entrevistado, pois a língua almejada para estudos é aquela utilizada nos momentos em que não está sendo observado, sem ser monitorado ou criticado. Mas a presença de um estranho com equipamentos para uma entrevista pode influenciar na linguagem não espontânea, cabendo ao entrevistador utilizar de diversas maneiras diferentes, seja na fala ou nos gestos, de o entrevistado sentir-se a vontade e conseqüentemente fazer o vernáculo emergir.

2.1.1- Variação e mudança

Devido a Sociolinguística Variacionista, teoria utilizada neste trabalho, entender que é possível estudarmos os fenômenos que se apresentam de forma não homogênea em determinada língua e detectar, em alguns casos, que algumas variantes são mais prestigiadas que outras é que esse trabalho está amparado.

Tarallo (2004, p.11) nos traz a discussão sobre a variante padrão e a não padrão:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se em relação de concorrência: padrão VS não-padrão; conservadoras VS. Inovadoras; de prestígio VS. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Ou seja, grande parte das realizações diferentes das indicadas pela norma padrão é estigmatizada pelos falantes que dominam a variante conservadora, acarretando, muitas vezes, divisões sociais em diversos ambientes.

Quando as variantes estão em competição, uma pode ser eleita pela comunidade de fala e ao longo do tempo pode substituir a que está em vigor, ocorrendo uma mudança linguística. Essa mudança pode acontecer em vários níveis da língua: fonológico, lexical, morfológico e sintático.

No entanto, para a mudança acontecer, morte de alguma variante, precede a

variação e a luta entre as variantes, já a variação não determina se haverá uma mudança em progresso, pois há termos que coexistem sem apontar para uma mudança, mas sim, uma variação estável. Dessa maneira, concordamos que “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação.” (TARALLO 2004, p.63), pois para haver mudança é necessário um período de transição e de luta entre as variantes, para posteriormente direcionar para morte de uma delas.

Assim, em nosso trabalho, podemos observar se há indícios de mudança em progresso ou se os dados coletados direcionam a uma variação estável.

2.1.2- A faixa etária, tempo aparente e o tempo real.

O estudo da transição e da progressão ordenada de uma palavra por outra pode ser analisado de duas formas: pelo tempo aparente e/ou pelo tempo real.

Entende-se por tempo real o estudo sincrônico da descrição original observando a gradação por faixa etária da população atual e por tempo aparente a análise mais acurada da distribuição dos dados por meio da variável faixa etária, uma projeção da língua com os dados sincrônicos, um estudo diacrônico em tempo real. No entanto, quando o estudo da língua permeia outro século a projeção da língua não mais vai se dá apenas pela faixa etária, mas por vários outros fatores que o pesquisador irá investigar em prol de solucionar ou prevê como as transformações linguísticas ocorreram ou ocorrerão. Assim, Tarallo (2004, p. 64) afirma que “Em outras palavras, inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise.”.

Ao realizar um recorte da amostra sincrônica considerando a faixa etária dos informantes estamos trabalhando com o tempo aparente. A sociolinguística considera o tempo aparente e o tempo real como maneiras de se estudar a língua. No entanto, devido à falta de registro de outras épocas e da necessidade de se trabalhar o vernáculo dos indivíduos em sua comunidade, muitos trabalhos atualmente lançam mão do tempo aparente e através dele se faz a comparação por meio do uso atual dos mais velhos e idosos.

Correlacionando os resultados da faixa etária, podemos identificar se o estudo

aponta para uma mudança em progresso ou para uma variação estável, pois se a variante inovadora estiver sendo utilizada mais pelos jovens significa que há uma mudança em progresso, uma vez que os mais velhos irão morrer e a variante utilizada por eles, conseqüentemente, desaparecerá. Diferentemente do que ocorre com a variação estável que consiste na manutenção de duas ou mais variantes ocupando o mesmo espaço de prestígio na comunidade ao utilizar o vernáculo. “O vernáculo é empregado quando a pessoa fala com amigos e familiares em contextos não monitorados.” (BAGNO 2017, p. 475), ou seja, esta pesquisa procura entender se os fatores linguísticos e extralinguísticos interferem na utilização da concordância verbal em ambiente não monitorado.

Assim, na próxima seção iremos discorrer sobre o fenômeno escolhido para a pesquisa, a concordância verbal.

2. 2- A Concordância Verbal

A concordância no português brasileiro, seja no domínio nominal, seja no verbal, tem sido um tema bastante explorado tanto em literatura de cunho formalista (cf. GALVES, 2001; SILVA, 2004; MAGALHÃES, 2004; COSTA e FIGUEIREDO-SILVA, 2006; entre outros), quanto de cunho funcionalista (cf. SCHERRE, 1978, 1998; GRACIOSA, 1991; NARO, 1993; VIEIRA, 1994, entre outros). Apesar de bastante investigado, o estudo da concordância no português tem se mostrado ainda bastante promissor, tendo em vista a necessidade de se estudar realidades linguísticas ainda pouco exploradas, como é o caso de comunidades linguísticas localizadas no interior alagoano.

Essa necessidade se estabelece a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, campo do conhecimento que estuda a língua em uso por grupos sociais, observando de que maneira a língua reflete as dinâmicas de organização social das comunidades.

A variação na concordância (verbal e nominal) é um fenômeno socialmente estigmatizado, havendo um prestígio da variedade prescrita em manuais de gramática normativa, que excluem formas variantes presentes na língua real usada por falantes nativos da língua portuguesa no Brasil. Em linhas gerais, a gramática normativa prescreve um número robusto de regras para a utilização da língua e uma

delas é a de concordância verbal. Nesse sentido, Almeida (1999) afirma que a concordância verbal corresponde a um fenômeno em que “o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa”.

No exemplo “Povo sem lealdade não alcança estabilidade”, retirado de Bechara (2006, página 554), observa-se que o sujeito da sentença (povo) e o verbo (alcança) estão ambos no singular, refletindo a concordância, segundo a regra prescrita em Almeida (1999), a que nos referimos. Contudo, é observável na fala dos indivíduos que muitas vezes esse padrão de concordância não é obedecido, no entanto, sem haver comprometimento da comunicação. É o que mostra o exemplo (1), a seguir, retirado do *corpus* que será objeto de análise em nossa pesquisa:

(1) a. Não existe² as coisa que tá existindo hoje. (ims)³

De acordo com a tradição gramatical, o verbo *existir*, utilizado no exemplo em (1), apresenta um sujeito, mas não um objeto, sendo classificado como um verbo intransitivo. Em (1), o sujeito é “as coisas”, que aparece em posição adjacente ao verbo, mas à sua direita (posição pós-verbal). Nota-se que apesar da marcação de pluralidade no artigo “as”, indicando que o sujeito está no plural, o verbo “existir” está no singular, violando, portanto, a norma prescritiva.

Casos em que a concordância verbal não segue a prescrição da Gramática Tradicional (GT) são por ela mesma rejeitados e avaliados negativamente. Isso pode ser observado, por exemplo, no comentário que Bechara (2006, p. 555) realiza em relação ao exemplo em (2):

(2) O povo trabalham.

(BECHARA, 2006, p.555)

² A noção de sujeito utilizada para comparar com o nosso *corpus* vem da gramática normativa, mesmo para verbos classificados como inacusativos.

³ O código entre parênteses refere-se a informações sobre o informante, a fim de facilitar a identificação e fonte do dado no *corpus* desta pesquisa. M refere-se a “homem”, para designar os informantes do sexo masculino; i corresponde à idade do informante, neste caso idoso, e a letra S corresponde ao nível de escolaridade que, nesse caso, refere-se a “ensino superior”.

Em (2), o sujeito da sentença está no singular, apesar da sua semântica indicar uma coletividade. O verbo, no entanto, está no plural, não havendo, portanto, uma correspondência de número gramatical entre sujeito e verbo. Nas palavras de Bechara (2005), para a construção acima, que não segue a regra da GT, “a língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido” (BECHARA, 2006, p.555). Fala-se numa condição imposta pela língua, quando na realidade essa “condição estética” é de natureza social.

Na abordagem da concordância verbal apresentada em Bechara (2006), o autor reconhece a possibilidade de uma variação na marcação da concordância, desde que, pelo que se apresenta em seu texto, haja respaldo por renomados escritores da literatura. Isso porque, para exemplificar as regras de concordância, o autor recorre a exemplos retirados de obras literárias, como se elas fossem a garantia de como deve ocorrer a concordância verbal no português.

Para deixar essa ideia clara, vamos apresentar rapidamente a discussão sobre a concordância verbal apresentada em Bechara (2006). O autor separa o assunto de acordo com três tipos de construções distintas: a) concordância de palavra para palavra; b) concordância de palavra para sentido e c) outros casos de concordância verbal.

Em relação à concordância de palavra para palavra, Bechara observa dois possíveis contextos: (i) aquele contexto em que só há um sujeito e (ii) o contexto em que há mais de um sujeito na sentença. Para os casos em que há um só sujeito, a regra é a concordância do verbo com a informação gramatical do sujeito em relação ao número, isto é, sujeito no singular pede verbo no singular e sujeito no plural pede verbo no plural. Os exemplos abaixo são retirados do autor, os quais, por sua vez, são transcritos do escritor Marquês de Maricá, indicado pelas iniciais MM:

- (3) a. A vida tem uma só entrada: a saída é por cem portas (MM)
- b. Os bons conselhos desprezados são com dor comemorados (MM)

Para os casos de construções com mais de um sujeito, ou seja, quando o sujeito é dito composto, Bechara observa que “o verbo irá, normalmente, para o

plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo” (BECHARA, 2006, p. 554). O exemplo apresentado em (4) foi um dos utilizados pelo autor para exemplificar esse tipo de concordância:

(4) ... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos (AH.1,21)⁴

Em relação ao contexto com sujeito composto, Bechara apresenta duas observações, as quais apontam para a variação na marcação da concordância verbal. A sua primeira observação é a de que a concordância pode se dar com o núcleo mais próximo “principalmente se o sujeito vem depois do verbo” (BECHARA, 2006, p. 554), caso exemplificado em (5), retirado do autor:

(5) “Oromeiro é livre com a ave do céu; respeitam-no o besteiro e o home d’armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo” (AH.3, 145)

Além do sujeito composto posposto, outro caso descrito por Bechara em que é lícita a variação na concordância é o contexto em que o núcleo do sujeito está no singular, mas acompanhado por dois adjuntos, como no exemplo que transcrevemos em (6):

(6) “ainda quando a autoridade paterna e materna fossem delegadas...” (AGa. 2, 25)⁵

⁴ AH são as iniciais para o escritor Alexandre Herculano.

⁵ AGa são as iniciais para o escritor Almeida Garret.

Outros casos ainda são apresentados pelo autor, nos quais é possível haver uma variação na concordância verbal, todos ratificados em obras literárias canônicas. Não iremos apresentar toda a lista de exceções de concordância verbal apresentada em Bechara, tendo em vista sua importância secundária para a nossa discussão. O que gostaríamos de apontar é o fato de que na obra de Bechara são previstos casos de marcação de concordância verbal em que o número gramatical do verbo pode não corresponder com o número gramatical do sujeito. Dito de outra forma, mesmo numa gramática como a de Bechara, o fenômeno da concordância verbal se apresenta como variável, apresentando casos em que a concordância de número gramatical entre sujeito e verbo pode ser violada.

No entanto, é imperativo enfatizar que a variação de concordância verbal apresentada em Bechara fundamenta-se em exemplos de construções retirados de textos clássicos da literatura portuguesa, como alguns dos exemplos que transcrevemos aqui puderam ilustrar. Ou seja, a variação a que se refere à gramática de Bechara seria aquela (e provavelmente apenas aquela) manifestada em textos clássicos da literatura.

Não se trata, portanto, a obra de Bechara, de uma descrição ou uma generalização do fenômeno da concordância verbal tal como ocorre na língua usada em outros gêneros e na língua falada contemporânea. Isso, obviamente, dada a natureza da obra, que é de teor prescritivo.

O autor, em seguida, apresenta outro tipo de concordância, que denomina de “concordância de palavra para sentido”. É o que ocorre com o caso que já relatamos aqui de um sujeito ter seus traços gramaticais no singular, mas denotar semanticamente um coletivo, um grupo ou coleção. Para esses casos, Bechara contrapõe tipo de construções que considera “desagradável ao ouvido”, as apresentadas em (7), mas considerando “não repugnantes” aquelas apresentadas em (8), retiradas de obras literárias:

- (7) a. O povo trabalham.
b. A gente vamos.

- (8) “Começou então o *povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram* com incrível presteza” (AH)

Observe-se que em (8) o sujeito dos verbos *arrastaram*, *assassinaram* e *queimaram* é “o povo”, que se encontra distante dessas formas verbais. A diferença no julgamento que Bechara faz entre essa concordância não-padrão de (8) e a apresentada em (7a), a princípio, é marcada pela distância entre o sujeito e o verbo, conforme assinala. Embora nos dois casos tenhamos o sujeito no singular e o verbo no plural, concordando com semântica de coletivo denotada pelo substantivo “povo”, apenas o segundo, respaldado por um texto literário, é considerado positivamente pelo gramático.

Além desses casos apresentados, Bechara apresenta em uma seção distinta o que denomina “outros casos de concordância verbal”, em que lista uma série de contextos sobre como pode se dar a concordância verbal, orientando-se, nas suas afirmações, por fragmentos de textos retirados de obras literárias. Deixamos para o leitor a tarefa de consultar o manual e comprovar a abordagem do gramático.

O intuito de trazer uma breve discussão da abordagem de Bechara sobre o fenômeno da concordância verbal no português foi o de ilustrar como se dá essa abordagem, mesmo em gramáticas que se dizem mais em consonância com as contribuições recentes da teoria linguística, como é o caso do manual aqui referido. Em linhas gerais, o fenômeno da concordância verbal, nas gramáticas tradicionais, é tratado através de enumeração de uma lista de como deve ser realizada a concordância e em que casos a norma geral (verbo concorda com sujeito em número) pode ser violada. Essa violação, no entanto, deve ser referendada, como ocorre nesses manuais, por textos clássicos da literatura portuguesa.

2.2.1 Estudos sobre concordância

Iremos abordar neste item alguns estudos em concordância verbal na linha da sociolinguística variacionista. Inicialmente iremos observar os trabalhos em território alagoano e em seguida iremos descrever os trabalhos relacionados ao fenômeno eleito para o estudo na ordem de publicação, dos recentes aos mais antigos.

Diferente da abordagem da GT, os estudos descritivos do português brasileiro, realizados sob a perspectiva da Sociolinguística variacionista, têm buscado apresentar como de fato o fenômeno da concordância verbal se manifesta em dados reais de língua (falada e escrita), observando a dinâmica de condicionamento para a variação encontrada por fatores tanto estruturais quanto extralinguísticos.

Um desses trabalhos é o apresentado em Santos (2010). Nessa pesquisa, a autora realizou um estudo sobre a concordância verbal manifestada em dados de fala de dezesseis crianças de unidades filantrópica em Maceió – Alagoas. A autora observou haver uma variação na concordância verbal quando o sujeito estava marcado gramaticalmente para o plural que apresentou a relação número pessoa como mais significativa (1ª pessoa do singular .97 e 1ª pessoa do plural ,10), podendo o verbo ir ou não também para o plural.

Ao controlar variáveis linguísticas e extralinguísticas em sua análise, a autora observou que, quando havia elementos intervenientes entre o sujeito e o verbo, havia uma menor aplicação da concordância (.29). Já nos casos em que não se verificava a intercalação entre sujeito e verbo, a aplicação da concordância foi elevada (.60). O tempo de permanência das crianças na instituição foi considerado significativo, uma vez que as crianças que estavam nas instituições a menos de cinco (5) anos realizavam um percentual maior de ausência de concordância (.38), enquanto as crianças que permaneciam há mais tempo realizavam mais concordância (.64). Também foi verificado que a aplicação da concordância verbal padrão era maior para sujeitos pré-verbais (.52), em relação a sujeitos realizados em posição pós-verbal (0.33). A escolaridade também foi significativa para o programa estatístico apresentando .43 para o início do ensino fundamental e .56 ao final do ensino fundamental.

Outro estudo sobre a concordância verbal realizado em território alagoano é o apresentado em Nunes dos Santos (2013), sobre a fala dos remanescentes de Muquém, comunidade quilombola de Palmares, localizada no interior de Alagoas. A autora analisa a variação entre a concordância do sujeito com o verbo (+ CV) e a ausência de concordância (- CV) na fala de 14 entrevistados, numa perspectiva sincrônica. Para o estudo, utiliza as seguintes variáveis independentes: pessoa gramatical do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, distância entre sujeito e verbo, faixa etária, escolarização e sexo. A autora procura entender como as

variáveis escolhidas condicionam o uso da variante não padrão na comunidade. As variáveis selecionadas pelo programa Goldvarb X⁶ foram, em ordem da mais significativa para a menos significativa: a) pessoa gramatical do sujeito – para 3ª pessoa, houve uma marcação de 46.3% de concordância, com peso relativo de .37; para a forma pronominal *nós*, houve a aplicação de concordância padrão em 21,7% dos casos, correspondendo a um peso relativo de .17; para a forma pronominal *a gente*, houve a aplicação de 94,5% de concordância padrão, correspondendo a um peso relativo de .92.

A segunda variável relevante, no estudo de Nunes dos Santos (2013), selecionada pelo programa, foi a distância entre o sujeito e o verbo. Para os casos em que o sujeito e o verbo estavam adjacentes, a aplicação da concordância foi de 61,2% com peso relativo de .56; para os casos em que havia elementos entre o sujeito e o verbo, houve a aplicação de concordância em 46,3% dos casos, correspondendo a um peso relativo de .42.

A faixa etária também foi uma variável relevante no estudo da autora. Para a faixa etária de 15 a 30 anos, houve uma marcação de 65,9% de concordância, com peso relativo de .59; para a faixa etária entre 31 a 50 anos, os dados apresentaram 49,4% de concordância, com peso relativo de .46. Por fim, para a faixa etária a partir de 51 anos em diante, os dados apresentaram uma porcentagem de 49.2% de aplicação da concordância, o que corresponde a um peso relativo de .45.

Os trabalhos pioneiros em concordância verbal no estado de Alagoas, na perspectiva da sociolinguística variacionista, nos revelam que as variáveis linguísticas influenciam a variante de prestígio social entre os falantes. Nos dois trabalhos, a primeira variável independente foi pessoa do sujeito, em seguida a distância entre sujeito e verbo, ou seja, as variáveis sociais, até o momento, aparentam ocupar lugares de significância menores no estado de Alagoas.

Observando outras variedades de estudos sobre concordância verbal, um estudo comparativo entre duas variedades do português é apresentado em Araújo e Lucchesi (2016), partindo-se do pressuposto de que a variação da concordância verbal no português brasileiro tem origem africana e não portuguesa. O estudo compara dados de Feira de Santana, município do interior da Bahia, e Luanda, pois para o autor há semelhanças entre Luanda e Feira de Santana uma vez que contém

⁶ O Programa Goldvarb X será apresentado no capítulo sobre nossa metodologia.

um histórico de contato dialetal devido receber pessoas de diferentes partes do país que buscavam segurança e emprego. Os *corpora* são provenientes de dois outros projetos, o de Feira de Santana foi retirado do projeto “*A língua Portuguesa do semiárido Baiano*” de Araújo e Almeida (2014), já o *corpus* de Luanda foi retirado do projeto “*Em busca das raízes do português brasileiro*”⁷.

O que mais chamou atenção na comparação entre os *corpora* foi o distanciamento entre as idades. No primeiro, o tempo de distanciamento entre as faixas etárias foi de 10 anos, já no segundo, houve uma oscilação entre 6 e 12 anos. Nos resultados foi observado que os informantes de Feira de Santana realizaram 52,3% de concordância padrão e 47% para concordância não-padrão e em Luanda foi observado um percentual de realização de concordância padrão em 91,6% dos dados selecionados e um percentual de 8,4% de concordância não padrão. As variáveis de maior relevância, apontadas pelo estudo, em Luanda, foram: naturalidade do informante, que direcionou para os nascidos em Luanda (.57); saliência fônica alta (.64); tipo do verbo: verbo transitivo (.60), auxiliar (.75) e modal (.56); escolaridade: superior (.61) e sexo: feminino (.59). Os resultados revelam que os aspectos linguísticos e sociais tiveram igual importância para a realização da concordância na cidade africana que tem como língua oficial o português e uma grande quantidade de portugueses morando lá.

Para a análise dos dados referentes à cidade de Feira de Santana, Araújo e Lucchesi (2016) não forneceram os números, mas, apenas, as variáveis consideradas significativas, são elas: saliência fônica, concordância nominal no sujeito, realização e posição do sujeito, efeito de gatilho, faixa etária, sexo, tipo de verbo, forma do último constituinte do SN, diazonalidade⁸. Vemos nesta relação que há um predomínio das variáveis linguísticas na relevância da variante padrão.

Com a análise da faixa etária⁹, os autores observam que há um distanciamento da norma culta da norma popular na cidade de Feira de Santana, mas os autores apontam que não se tem ainda uma mudança em progresso e sim um aumento da aprendizagem da norma padrão.

⁷ Projeto Em busca das raízes do português brasileiro. Informações disponíveis em: <<http://www2.uefs.br/nelp/angola/index.html>>. Acesso em 09. mar. 2015 (pelo autor).

⁸ Quando o indivíduo vem de outra comunidade.

⁹ A faixa etária para os dados de Feira de Santana foram as seguintes: Jovens (.4), adultos (.31) e idosos (.88). Os pesos indicados entre parênteses é de aplicação da concordância padrão.

Devido a pesquisa em Luanda apresentar uma grande diferença entre as duas variantes e considerando que a cidade é capital e o Rio de Janeiro do século XIX também era, os autores afirmam, baseados em Teixeira (2008, *apud* ARAUJO e LUCCHESI, 2016, p. 95) que “o português falado em Luanda pode ser tomado como um “espelho” da realidade sociolinguística brasileira do final do século XIX, dado que Angola passa, hodiernamente, por situações sócio-históricas semelhantes ao que ocorreu no Brasil naquele século.”, pois o Rio de Janeiro do século XIX era considerado o lugar que “melhor” falava-se o português, assemelhando-se a Luanda, onde os informantes nascidos na cidade produziam mais concordância que os oriundos do interior, justificando a necessidade do estudo da influência do contato linguístico na formação das variedades do português, além do português europeu.

Freitas (2015), um outro estudo sobre concordância verbal realizado sob o arcabouço variacionista laboviano, analisou o fenômeno em uma instituição de ensino médio (O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense) observando o peso do fator escolaridade nas realizações de concordância verbal.

Para isso, ele aplicou 85 questionários¹⁰ sem identificação dos informantes, dos quais foram selecionados 60 para a análise. Desses 60, apenas 30 apresentaram o sujeito na forma de 3ª pessoa do plural, objeto de estudo do autor.

Os resultados alcançados na pesquisa estão a seguir: (a) o sujeito na ordem sujeito verbo favoreceu a aplicação da norma padrão (Norma Padrão - 89,8%; Forma Variante-10,2%) e sujeito posposto também favoreceu, mas em menor número (Norma Padrão – 75%; Forma Variante – 25%); (b) a utilização da variante não-padrão na 1ª série (9,52%) foi menor do que na 3ª série (33,3%)¹¹, sugerindo que o uso da variante padrão de concordância verbal não seria maior quanto maior fosse a escolaridade.

Tentando relacionar a nossa pesquisa com trabalhos realizados em outras localidades na região Nordeste, além de Feira de Santana visto anteriormente, recorreremos a uma pesquisa realizada na cidade de Salvador-BA intitulado “A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador”, de Lucchesi (2015). A pesquisa apresenta os resultados de uma análise quantitativa da variação no uso da regra de concordância verbal, em relação a terceira pessoa do

¹⁰ Os questionários foram divididos em duas partes. A primeira parte foi composta com perguntas objetivas e a segunda apenas com uma pergunta subjetiva.

¹¹ O autor não usa peso relativo em seus resultados.

plural na linguagem cotidiana de falantes de quatro bairros bastante conhecidos da cidade de Salvador: Cajazeiras, Plataforma, Liberdade e Itapoã.

O *corpus* foi composto por dados de 48 informantes que estão classificados socialmente quanto à escolaridade de zero a quatro anos, por sexo (masculino ou feminino) e por três faixas etárias: (i) 25 a 35 anos; (ii) 45 a 55 anos; (iii) mais de 65 anos.

No estudo, as variáveis linguísticas que apresentaram maior peso relativo para aplicação da concordância foram: saliência fônica 0.24, as formas pronominais eles/elas 0.24, o efeito gatilho¹² favorável à concordância, 0.24, o traço semântico + humano do sujeito 0,09, o sujeito imediatamente anteposto ao verbo 0,52, a natureza auxiliar do verbo 0.24 e coesão estrutural¹³ com concordância no SN sujeito de 0.24.

Os resultados das variáveis sociais mostraram que há mais aplicação de regra de concordância verbal pelos jovens (31%), homens (30,4%) e semianalfabetos (27,9%). Os resultados também mostraram que Cajazeiras apresentou mais concordância (.56), seguida de Plataforma (.51), Liberdade (.49) e por último Itapoã (.44) que apresentou menor peso relativo.

Podemos observar, por meio dos números apresentados, que os jovens e homens estão realizando mais a concordância na comunidade analisada. Assim, o autor ao final de suas conclusões afirma que há uma mudança em progresso, como podemos ver abaixo:

Já o encaixamento social do processo de variação apontou para uma mudança em progresso no sentido do incremento do uso da regra de concordância verbal nos segmentos da base da pirâmide social da cidade de Salvador. As evidências empíricas que suportaram essa leitura foram a maior frequência de aplicação da regra na fala dos jovens do sexo masculino. (LUCCHESI, 2015. p.34)

Por meio dos resultados, o autor entende que as variáveis linguísticas são preponderantes quando da realização da variante padrão, além de afirmar, com os dados das variáveis sociais, que há uma mudança em progresso, pois os jovens

¹² Influência da variante utilizada pelo entrevistador na fala do entrevistado.

¹³ Linearidade de número entre o sintagma nominal e o verbo. Ex: “As *peessoas viram* lobisomem, agora ele, não... Tem hora que os *carro se bate* um no outro.” (LUCCHESI, P.25). No primeiro houve concordância, já no segundo não.

executam mais concordância, e assegura o sexo masculino a liderança dessa mudança¹⁴.

Por fazermos uso da variável saliência fônica em nossa pesquisa, faz-se necessário observar os estudos sobre essa variável considerada relevante. Chaves (2014) realiza um percurso dos trabalhos que consideraram a saliência fônica como variável significativa nas análises sobre concordância verbal. Ao iniciar seu percurso, utiliza o trabalho de Naro e Lemle (1976), que analisa a fala de três informantes cariocas representativos da classe socioeconômica baixa. Foram controladas três variáveis independentes: (i) *saliência fônica da forma verbal*, no qual foi constatado que quando há maior a diferença fonética na oposição singular/plural, há uma frequência maior de concordância; (ii) *Posição de superfície do sujeito (estruturais)* que demonstrou que há maior concordância quando o sujeito está posicionado antes do verbo; e (iii) *grau de formalidade* que apresentou maior índice de concordância em situações de formalidade.

Chaves (2014) também nos traz o trabalho de Lemle e Naro (1977) em que os autores indicaram três categorizações para a saliência fônica (“old”, “neo-cod” e “neamal”). No entanto, apenas a terceira mostrou-se relevante, assim, de maneira geral, quando a relação singular/plural apresenta material fônico muito distinto e acentuado tem-se uma maior saliência fônica (ex: *és/são*) e quando o material fônico apresenta pouco material e não é acentuado temos uma menor saliência fônica (ex: *fala/falam*).

Guy (1981) reanalisa os dados de Lemle e Naro (1977) observando a *desnasalização de ditongos nasais átonos finais* (homem ~ hom[i], viagem ~ viag[i], comem ~ com[i], sabem ~ sab[i]) bem como a concordância verbal de terceira pessoa do plural (eles comem ~ eles com[i], eles sabem ~ eles sab[i])¹⁵.

¹⁴ A mudança não escopo da nossa pesquisa

¹⁵ O autor exclui da escala de saliência fônica a categoria que diz respeito aos “presentes regulares” (come – comem, fala – falam), correspondentes aos níveis 1a e 1b na escala de Naro (1981), pois acreditava que o plural se dava por meio da nasalização da vogal final. Guy também separa verbos regulares de verbos irregulares alegando que o primeiro não ocasiona concordância e segundo manifesta o fenômeno. No entanto em seus dados essa hipótese não foi confirmada.

Em seguida, exclui os verbos *ser* e *ir* da categoria dos pretéritos irregulares devido entender que não há alternância da raiz para o plural. Assim, o autor citado traz uma nova classificação de saliência fônica desmembrada em sete níveis diferentemente de Lemle e Naro (1977) e Naro (1981).

Nicolau (1984, 1995 *apud* CHAVES, 2014), na investigação do processo de não concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de Belo Horizonte (MG), acredita que a frequência da aplicação da concordância não está relacionada a saliência fônica, mesmo assim, baseada nos autores anteriores, faz uma nova estratificação de doze níveis. Sua hipótese de que a concordância não tem relação com a saliência fônica é comprovada em seus dados, no entanto quando comparada aos dados aos autores em que busca contrariar, não apresenta tanta diferença como podemos observar no quadro abaixo:

QUADRO 1: Resultados referentes à variável saliência fônica em relação ao processo de não concordância (adaptado de NICOLAU, 1984, p. 109 *apud* CHAVES, 2014, p. 539)

Nicolau (1984)	Lemle e Naro (1977)	Naro (1981)	Guy (1981)
Fala/falam .88	Come/comem .94	Come/comem .89	Come/comem .85
Come/comem .89	Fala/falam .83	Fala/falam .74	Fala/falam .72
Faz/fazem .85	Faz/fazem .73	Faz/fazem .65	Faz/fazem .71
Dá/dão .49	Dá/dão .42	Dá/dão .32	Dá/dão .31
Vai/vão .49	Foi/foram .31	Vai/vão .22	Sumiu/sumiram (foi/foram) .24
Comeu/comeram .33	é/são .19	Falou/falam .15	Falou/falaram .16
Falou/falaram .19	pret. regulares .20		Fez/fizeram
Fez/fizeram .10	pret. Irregulares		é/são
Foi/foram .51	.17		
é/são .28			

Fonte: Chaves (2014, p. 539)

O quadro acima sintetiza os resultados demonstrando por meio de verbos que ao fazer o plural produzem menor saliência fônica (fala/falam, come/comem,

faz/fazem) enquanto os verbos que na oposição singular/plural produzem maior saliência fônica (*é/são*, *falou/falaram*, *vai/vão*, *comeu/comeram* entre outros). Assim, podemos ver que os estudos mostram que quanto menor a saliência fônica maior é a possibilidade da não marcação de plural.

Outro estudo sobre a atuação da saliência fônica em concordância verbal apresentado em Scherre, Naro e Cardoso (2007), faz uso de três *corpora*. O primeiro trata de 64 horas de fala de 64 falantes, estratificados em função do sexo, anos de estudos (de 1 a 11 anos) e da idade (de 7 a 71 anos), colhidas na década de 80 na cidade do Rio de Janeiro. O segundo utilizou 16 informantes recontactados do primeiro *corpus* entre 1999/2000. E o terceiro, uma informante nordestina da periferia de Brasília nos anos de 1999, 2004 e 2005.

Controlando os tipos de verbos, o primeiro *corpus* mostrou que houve uma porcentagem elevada de aplicação de concordância para certos tipos de verbos analisados (nacionais/auxiliares/de ligação) que apresentam maior saliência fônica (86%/85%/85%). No segundo *corpus*, foram controlados o tipo de verbo, o paralelismo discursivo, o paralelismo oracional e o traço semântico do sujeito, que apresentaram significância de (0,000), (0,000), (0,018) e (0,039), respectivamente. A saliência fônica apresentou (0,358) de significância.

O terceiro *corpus* foi analisado juntamente com o segundo e mostrou como variáveis significativas a saliência fônica maior (.80), o traço semântico do sintagma candidato a controle da concordância (+humano/-humano), com um peso relativo de (.55) de aplicação da concordância para +humano; e posição, distância e tipo do sintagma candidato a controle da concordância, observando um peso relativo de (.65) quando o sujeito estava à esquerda do verbo com até 5 sílabas de material interveniente.

Ao final do texto, os autores chegam à conclusão de que o tipo de verbo não influencia a concordância, mas sim a saliência fônica.

No conjunto global dos dados, a única característica do verbo que influencia a concordância plural é a saliência fônica da oposição singular/ plural. Como característica intrínseca ao verbo, até onde caminhamos na análise, nada mais é relevante. O tipo de verbo, em especial, não revela efeito sobre a concordância, seja de acordo com a categorização tradicional, seja de acordo com a nova proposta de orientação gerativa. (SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007, p.312)

Partindo da constatação, baseada em número robusto de trabalhos, de que “a ausência de morfema explícito de plural nos verbos tende a desfavorecer preenchimento do sujeito pronominal”, Naro e Scherre (2007) pesquisam a relação entre aplicação de concordância e preenchimento da posição de sujeito na sentença em dados da amostra retirada do *corpus* Censo (PEUL)¹⁶. A pesquisa toma como variável dependente o verbo com plural explícito (.55) e o verbo sem plural explícito (.31). Como variáveis independentes foram controladas a mudança de referente (.72) *versus* a manutenção de referente (.28), mostrando que, ao manter o referente, a ausência de preenchimento do sujeito por meio do pronome é superior. Outra variável controlada e de grande relevância nos resultados foi a saliência fônica, a partir da qual foi observada a seguinte relação: as desinências verbais de maior saliência favoreciam em (.36) o sujeito explícito e as desinências verbais de menor saliência favoreciam em (.60) o sujeito explícito.

Outro aspecto relevante para as análises sobre concordância verbal, segundo os autores, é o que podemos chamar de paralelismo formal, pois observam que há uma tendência de manutenção no padrão de concordância se a sentença anterior recebe ou não a marca de plural. Nas palavras dos autores:

Outro aspecto relevante para o uso da marca de plural é a sequência das formas no discurso, envolvendo cláusulas em séries com o mesmo sujeito ou com sujeito do mesmo campo semântico: formas verbais precedidas de outras formas verbais com marca explícita de plural exibem mais frequentemente marcas explícitas de plural, formas verbais precedidas de outras formas verbais sem marca explícita de plural exibem mais ausência de marca explícita de plural. (NARO; SCHERRE 2007, p.165)

Entende-se, em relação ao paralelismo, que é uma cadeia entrelaçada definida desde o início do período até a sua finalização, podendo sentenciar a presença de marcas de plural entre sujeito e verbo ou a ausência dessas marcas.

Ao discutir as origens do português brasileiro, mais especificamente características morfossintáticas, como a concordância, Scherre e Naro (2007) observam que, “tendo como base o princípio uniformitarista¹⁷, citado em Labov (1994, p. 21) e reforçado pela evidência dos textos antigos, deduzimos que a

¹⁶ PEUL é a sigla para Programa de Estudos sobre o uso da Língua, constituído por um grupo de pesquisadores formado no início na década de 1980, com o objetivo de estudar a norma urbana não-culta do Rio de Janeiro (SCHERRE, NARO, CARDOSO, 2007).

¹⁷ Esse princípio afirma que as mudanças atuais nas línguas humanas obedecem às mesmas ordens que historicamente as constituíram.

variação na concordância já existia no português, antes de ser trazido para o Brasil.” (SCHERRE e NARO, 2007, p.162).

O texto traz dois traços característicos e específicos do português brasileiro e diferentes do português de Portugal. São eles:

“(1) uso menos frequente, no Brasil do que em Portugal, de concordância de número morfológica explícita (concordância verbal, concordância no sintagma nominal e concordância nos predicativos);

(2) uso menos frequente, no Brasil do que em Portugal, de sujeitos nulos, com consequente aumento no uso de pronomes sujeitos morfológica explícitos.”.

(SCHERRE e NARO, 2007:163)

Scherre e Naro (2007), ao tratar das origens da concordância variável no português brasileiro, acreditam que o português europeu não-padrão¹⁸ nos mostra a gênese da mudança. Para tal constatação, os autores recorrem a estudos, dissertações e teses, provenientes de Portugal, que tratam da concordância (nominal e verbal). Quando tratam da concordância verbal, os autores focalizam em três pontos: o primeiro é a neutralização entre 1ª e 3ª pessoas do singular, constatando que ocorre em todos os verbos que se apresentam no pretérito perfeito do indicativo, mais-que-perfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, no modo subjuntivo e que se apresentam também em alguns verbos do pretérito perfeito (eu trouxe/ ele trouxe, eu quis/ ele quis, entre outros).

O segundo é a posição do sujeito em relação ao verbo, constatando que, entre os 12 autores pesquisados, nove apresentaram exemplos de ausência de concordância plural quando o sujeito aparece à direita do verbo. Essa conclusão se aplica com propriedade ao português brasileiro, uma vez que, “Já é de conhecimento de todos nós que, no português brasileiro, o sujeito à esquerda do verbo favorece de forma robusta mais variante explícita de plural no verbo do que sujeito à sua direita.” (SCHERRE; NARO, 2007: 99).

O terceiro ponto é sobre a saliência fônica, classificada em menor ou maior pelos seguintes critérios:

- Quando a diferença fônica na relação singular/plural entre as duas formas for somente a nasalização da vogal final não-acentuada, constata-se uma menor saliência fônica; e

¹⁸ Entre vários estudos os autores mostram: a linguagem popular (LP) de Lisboa (Mira 1954: 149-150; 114;117)

- Quando a distinção fônica envolve sílabas acentuadas, mudanças da qualidade da vogal e acréscimo de sílaba constata-se, então, uma maior saliência fônica.

(SHERRE; NARO, 2007, p.)

O último ponto apresentado pelos autores mostra a perda da nasalidade em ambientes que preservam a marca explícita de plural, reforçando o trabalho de Naro e Lemle (1976), os quais concluíram que quanto menor a saliência fônica, maior será a ausência de marcas de concordância e quanto maior a saliência fônica, menor será a falta de correspondência de número entre sujeito e verbo.

Em geral, percebemos que nos estudos aqui brevemente resenhados, no português brasileiro existe uma variação na concordância verbal atestada em diferentes comunidades, condicionada tanto por fatores linguísticos quanto por fatores sociais.

A partir da consideração do que já foi encontrado em outros estudos, iremos lançar mão de variáveis significativas para concordância padrão encontradas nos textos referidos neste capítulo. Assim, em Santos (2010), a distância entre sujeito e verbo foi uma variável bastante significativa (com peso 0.6 para aplicação de concordância quando não havia elementos entre sujeito e verbo), como também a posição do sujeito (com peso 0.53 de aplicação para sujeitos antepostos ao verbo), variáveis selecionadas em nosso trabalho.

Com base em estudos como o apresentado em Nunes Santos (2013), selecionamos para a nossa pesquisa a variável faixa etária que, no estudo da autora, apresentou um peso de .59 para aplicação de concordância padrão no grupo dos jovens. Com base em estudos como o de Luchesi (2015) e Scherre e Naro (2007), selecionamos a variável saliência fônica. A faixa etária e a escolaridade também foram selecionadas baseadas nos resultados encontrados nos estudos como o de Lucchesi (2015) e Araújo e Lucchesi (2016).

As variáveis selecionadas em nossa pesquisa serão melhor delineadas no próximo capítulo, no qual, também, apresentamos os procedimentos de coleta, seleção, codificação e análise dos dados.

3 - PROCESSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão descritas as etapas da pesquisa que culminaram no resultado final. Inicialmente, iremos discorrer sobre o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista, que embasa nossa análise, e, em seguida, serão apresentados os objetivos da pesquisa, bem como as hipóteses que direcionaram a sua execução. Também neste capítulo serão discutidos os procedimentos metodológicos da pesquisa, apresentando a comunidade de fala escolhida para a pesquisa, a elaboração do *corpus* e a coleta de dados. Além disso, serão também apresentadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas para o trabalho e, por fim, os procedimentos de transcrição, codificação e quantificação dos dados.

3.1 – A metodologia da Sociolinguística Variacionista

A pesquisa sociolinguística tem a finalidade de descrever a utilização do vernáculo da língua produzido pelos falantes de cada grupo social. O grupo social escolhido deve ser apresentado de maneira definida. Então, para melhor caracterizá-lo e entender o uso da língua no cotidiano dos indivíduos deve-se fazer algumas indagações. Como se caracteriza a comunidade analisada em termos sociais, econômicos, geográficos etc? Trata-se de uma comunidade da zona urbana, rural? É uma comunidade quilombola, indígena, de pescadores etc? As respostas a essas perguntas devem ser assertivas, pois vão apontar para a realidade do perfil dos informantes a ser encontrada. Por exemplo, em comunidades rurais, pessoas com mais de cinquenta anos com alto nível de escolaridade ou um número de adultos, em grande quantidade, que tenham terminado o ensino médio podem ser difíceis de encontrar. O pesquisador deverá elaborar um projeto de estudo que contemple essa realidade.

Para o tamanho da amostra, no início dos estudos sociolinguísticos, era imperativo que para cada combinação de fatores extralinguísticos a medida mínima de informantes fosse de cinco (5), formando uma célula¹⁹, como podemos observar no exemplo dado por Tarallo (1986, p.26).

¹⁹ Conjunto de indivíduos agrupados com as mesmas características sociais. Exemplo: a variável sexo ser classificada como masculino e feminino, ou seja, temos duas células para essa variável.

Para cada uma das doze células você necessitará de um mínimo de 5 informantes de modo a garantir a representatividade da amostra. Se você incluir somente a variável grupo socioeconômico, irá necessitar de um mínimo de 10 informantes, 5 cada grupo. Se as duas células – grupo socioeconômico e sexo – forem incluídas como parâmetros externos aos dados, serão necessários 20 informantes; se você decidir que tanto grupo socioeconômico quanto idade e sexo forem significativos para a análise das variantes linguísticas, um mínimo de 60 informantes deverão ser entrevistados.

Ou seja, para cada divisão dentro do grupo da variável social serão necessários mais cinco informantes, por exemplo: se consideramos para um estudo a variável socioeconômica, dividindo os informantes entre pobres e ricos, teríamos de selecionar 10 informantes (5 pobres e 5 ricos); caso, além de controlar a variável socioeconômica, também quiséssemos controlar a variável sexo (masculino e feminino), teríamos de selecionar um total de 20 informantes (5 homens pobres, 5 homens ricos, 5 mulheres pobres e 5 mulheres ricas).

As pesquisas sociolinguísticas atualmente têm assinalado que não há necessidade de números de informantes tão extensos para se constituir uma célula social, “há bancos de dados linguísticos com quatro informantes por células, e mesmo com dois” (COELHO et al, 2015, p.101), no entanto quanto menor o número de informantes por célula, mais atenção é preciso para a análise dos dados. Isso também ocorreu com o tempo de gravação que ficava em torno de 60 minutos e hoje já há pesquisas com a durabilidade de 10 minutos.

Para a efetivação das entrevistas, foi necessário enviar o projeto para ser analisado pelo conselho de ética da Universidade Federal de Alagoas. Foram feitas perguntas que propiciassem narrativas em que o entrevistado pudesse expressar o vernáculo com menor desconfiança ou monitoramento da fala e não inclinasse para o paradoxo do observador²⁰. Muitas vezes é indispensável a apresentação do entrevistador por meio de outras pessoas para que o entrevistado sinta mais confiabilidade. Essas perguntas normalmente são sobre a infância, a relação com a família, a convivência na escola, a violência, risco de vida entre outros temas, conforme a necessidade do pesquisador.

A codificação dos dados é imperativa para a análise estatística, uma vez que os programas computacionais exigem códigos para analisar os dados quantitativamente e auxiliam os pesquisadores de maneira precisa com porcentagens e pesos relativos. Os códigos devem ser obrigatoriamente distintos

²⁰ Problema causado pela presença do observador que pode inibir a linguagem cotidiana do indivíduo

para a variável dependente, enquanto que nas variáveis independentes os códigos podem ser repetidos. Os códigos disponíveis são as letras, os números e os símbolos do teclado do computador, por fim, analisam-se os dados conforme fornecidos pelos programas na tentativa de mostrar as forças que variáveis sociais e linguísticas exercem na variação de qualquer língua.

3.2 – Objetivos e hipótese da pesquisa

A hipótese levantada para iniciar a investigação proposta conjecturava a variação de concordância verbal, ou seja, variação na correspondência de desinência de número-pessoa entre o sujeito e o verbo, relacionando os fatores sociais e linguísticos como fatores determinantes para o favorecimento de umas das variantes.

Baseados nos estudos realizados no país sobre o fenômeno em tela, com inclusão dos trabalhos citados anteriormente, foram selecionadas as variáveis independentes com o objetivo de verificar a significância de cada um dos grupos de fatores elegidos que propiciam a predominância de umas variantes. Nossos objetivos específicos consistem em verificar se os fatores “escolaridade”, “faixa etária”, “distância entre sujeito e verbo” e “saliência fônica” determinam o uso da variável padrão (contempla marcas de plural entre sujeito e verbo); assim como os fatores “sexo” e “posição do sujeito” influenciam na variedade não padrão (ausência de marcas de plural entre sujeito e verbo).

Nossas hipóteses consideravam que quanto maior a escolaridade maior mais chances de realizar a concordância verbal; que os jovens fariam mais concordância que as outras faixas etárias; quanto menor a distância entre sujeito e verbo maior seria a aplicação da concordância verbal; quanto maior a saliência maior seria a concordância; o sexo feminino faria mais concordância que o masculino; e sujeito anteposto ou posposto ao verbo possibilitaria não teria influência para a realização da concordância.

3.3 – A comunidade de fala

Compreendendo que *“Una comunidad de habla está formada por un conjunto que comparten al menos una variedad lingüística, unas reglas de uso, una interpretación de ese uso, unas actitudes e una misma valoración de las formas*

lingüísticas” (FERNÁNDEZ, 2009, p.24), será descrita a cidade escolhida para o estudo, considerando sua história e características geográficas, econômicas e sociais.

A cidade de Coruripe está situada na região da mata atlântica e nos tabuleiros de São Miguel dos Campos. O rio Coruripe chamado pelos índios Caetés de Curumiji, foi quem deu origem ao nome do município. Com uma população de 52.130 no censo de 2010 e uma estimativa de 57.498 para 2017, segundo o IBGE, o município tem uma área territorial de 898,626 km², sendo o segundo maior município em extensão territorial do estado de Alagoas, conforme o IBGE, e um dos municípios de maior PIB em 2017 segundo a SEPLAG (Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio). O município fica a 85km da capital alagoana e tem 45 escolas de Educação Básica, sendo 27 municipais, 14 privadas, 3 estaduais e uma federal. As escolas municipais são reconhecidas pelos altos índices no IDEB²¹ (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) na região.

Coruripe nasceu nas redondezas do rio que leva o nome da cidade, mas era subordinada a Poxim, que tem sua origem indagada por volta de 1717, mas somente em 1866 que Coruripe recebe o título de vila, desmembrando-se, assim, de Poxim. Atualmente, Poxim é um povoado de Coruripe, mas que ainda guarda bastante história da região por meio da igreja de São José do Poxim.

Conhecida historicamente na história do Brasil devido ao naufrágio da nau Nossa Senhora da Ajuda que conduzia o bispo Dom Pero Fernandes Sardinha a Portugal, que culminou em sua morte pelos canibais Caetés, hoje a cidade atrai o mundo pelas belezas naturais, em especial a praia do Pontal de Coruripe, que ainda preserva um farol, cartão postal da cidade, inaugurado em 1948 e ainda está em pleno funcionamento.

Abaixo estão as imagens do farol do Pontal do Coruripe com uma pequena réplica da nau de que naufragou com o bispo Sardinha, e do mapa da região urbana de Coruripe que foi selecionada para a pesquisa.

²¹ Em 2017 o IDEB geral foi de 8,5 e a Escola de Educação Básica Vereador José Wilson Melo Nascimento sozinha obteve nota de 9.9. <http://www.coruripe.al.gov.br/2018/09/05/escola-de-coruripe-alcanca-o-melhor-ideb-do-brasil/>. Acesso em 21 de fevereiro.

FIGURA 1: Farol da praia do Pontal de Coruripe – Coruripe-AL (cartão postal da cidade)



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br>. Acesso em 29 de julho de 2018

Mesmo com sua história, extensão territorial e economia relevante no estado de Alagoas, Coruripe ainda não tinha sido estudada sociolinguisticamente. Esse foi um dos motivos para escolher a cidade como comunidade de pesquisa. Outro motivo foi que a pesquisadora percebeu que havia variação de concordância verbal na fala dos indivíduos nascidos em Coruripe, pois a pesquisadora é moradora da cidade e frequenta diversos ambientes. Por isso e por acreditar que todas as comunidades devem ser estudadas a cidade de Coruripe foi selecionada para o estudo da Concordância verbal.

3.4 – Delimitação do corpus e coleta de dados

A escolha pela região urbana da cidade de Coruripe se deu por ser onde se encontra a parcela de habitantes representativa economicamente e melhor inserida no mercado de trabalho. Além disso, como já dissemos, Coruripe foi escolhido por ser um dos municípios de grande extensão territorial do estado. Mesmo dentro da região urbana, ainda foi necessário recortar a realidade investigada, excluindo da amostra indivíduos residentes em conjuntos habitacionais, que em sua maioria tem

entre dez e treze anos de residência no local, considerando que muitos proprietários de casas nesses conjuntos vieram de outros municípios.

Para a realização da pesquisa, os falantes selecionados foram aqueles que nasceram na cidade de Coruripe, assim como os pais, e que não poderiam ter se ausentado da cidade por mais de dez anos ou passado a infância e parte da adolescência em outra cidade. Poderiam ter nascido em diversos povoados da região, mas deveriam ter no mínimo dez anos de residência na área urbana delimitada.

As entrevistas realizadas, cujas transcrições constituem nosso *corpus*, foram gravadas por meio de um gravador que proporcionou a audição de boa qualidade dos informantes. A duração da entrevista foi de quinze minutos, para cada informante, e os temas para as narrativas eram os mesmos para todos os informantes. Não havia interrupção pela entrevistadora, caso o entrevistado se detivesse em determinado tema. Após a entrevista, o entrevistado assinava o termo de consentimento e respondia a perguntas sociais referentes ao cotidiano, nível de estudo dos pais e interação social²².

O contato com os entrevistados ocorreu de diversas maneiras. Com as pessoas idosas foi por meio de pessoas da cidade envolvidas na igreja e por meio de professores que conheciam os ex-colegas aposentados. Os adultos foram contatados por meio de indicação de outras pessoas e nas escolas estaduais da cidade. Os jovens tiveram contatos idênticos aos demais acrescentando ex-alunos e vizinhos da pesquisadora.

3.5 – Variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas

Iniciaremos a apresentação das variáveis pelas variáveis extralinguísticas que, para alguns autores, é importante para variação nas línguas, como podemos observar em Fernández (2009, p.40).

Queda dicho que las variables extralingüísticas, específicamente las sociales, son capaces de determinar la variación donde lo permite el sistema de la lengua, e queda ilustrado cómo unas variables lingüísticas, internas, pueden incidir en la aparición de tales o cuales variantes de una variable determinada.

²² Os temas para as narrativas, a ficha social, o termo encontram-se nos anexos ao final desse trabalho.

Assim, o *corpus* foi composto pela transcrição de entrevistas de trinta e seis informantes com faixa etária de 20 a 30 anos, 40 a 50 e acima de 60 anos. Esse distanciamento entre as faixas etárias foi dado com a finalidade de se observar com nitidez a diferença linguística entre as gerações. A variável sexo, masculino e feminino, foi escolhida pela tradição nos estudos sociolinguísticos labovianos, uma vez que “En una estratificación lingüística estable, los hombres usan formas que no son estándares con mayor frecuencia que las mujeres, siempre que la variación se produzca en un nivel de consciencia dentro de la comunidad” (MORALES *apud* FERNADÉZ, 1992. p 52), no entanto há estudos, como o de Alvás (*apud* FERNADEZ, 1992), que discordam dessa afirmação.

A escolaridade foi classificada em ensino fundamental, médio e superior, uma vez que na cidade sempre existiu escola e a maioria dos professores eram coruripenses, além disso, estudos constatam que quanto maior o nível de escolaridade, mais o indivíduo domina a norma padrão. Abaixo se encontra uma tabela com as variáveis sociais e a distribuição de informantes por célula:

TABELA 1: Distribuição de informantes por células sociais

Faixa etária	Sexo		Escolaridade		Total de entrevistados
Idosos	Masculino	6	Fundamental	4	12
	Feminino	6	Médio	4	
			Superior	4	
Adultos	Masculino	6	Fundamental	4	12
	Feminino	6	Médio	4	
			Superior	4	
Jovens	Masculino	6	Fundamental	4	12
	Feminino	6	Médio	4	
			Superior	4	
Total de entrevistados					36

Fonte: VIEIRA, Pollyanna.

As três variáveis extralinguísticas escolhidas para o estudo são muito utilizadas, de maneira quase que unânime, entre os pesquisadores, no entanto,

podem modificar quanto à classificação. Por exemplo, a faixa etária pode utilizar crianças ou a escolaridade pode trabalhar apenas com as duas fases do fundamental. Isso vai de acordo com a finalidade da pesquisa.

As variáveis linguísticas eleitas para dialogar com as variáveis sociais foram: a) distância entre o sujeito e o verbo; b) posição do sujeito; c) saliência fônica, como demonstra a tabela abaixo.

TABELA 2: Variáveis Linguísticas selecionadas para a pesquisa

Distância entre sujeito e verbo	Posição do sujeito	Saliência fônica	Preenchimento do sujeito
0 - sílabas	Sujeito anteposto ao verbo	Mais saliente	Presente Ausente
1-2 sílabas		Menos saliente	
3-10 sílabas	Sujeito posposto ao verbo		
10< sílabas			

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Tomamos como base trabalhos que apresentaram a saliência fônica como significativa e para a classificação da saliência fônica os estudos de Naro (1981 *apud* SCHERRE; NARO, 1998), o pioneiro no Brasil, que delimita a saliência em dois níveis, os quais, por sua vez, são subdivididos em mais três, conforme explicitado abaixo:

Nível 1 – “Contém os pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição são **NÃO ACENTUADOS** em ambos os membros” (Naro 1981, p.74)

(1) – Não abrange mudança na qualidade da vogal na forma plural

a. pais dizendo que não **sabeø** mais o que fazer (amb)²³

b. é - eles já **sabem** (amb)

(2) – Abrange mudança na qualidade da vogal na forma plural

a. **eraø** mais professores de fora (ims)

b. **eram** daqui de Coruripe (ims)

²³ O código apresentado entre parênteses corresponde às informações das variáveis extralinguísticas selecionadas para a nossa análise. São dados retirados do nosso *corpus*.

(3) – envolve acréscimo de segmentos na forma plural

- a. é - eles - **fazø** que quer as leis (amb)
- b. eles não **fazem** (amb)

Nível 2 – "o segundo nível contém aqueles pares nos quais [os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição] são ACENTUADOS em pelo menos um membro da oposição" (NARO, 1981, p.74).

(4): envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural²⁴

- a. essas doenças que **táø** dando hoje (amb)
- b. porque os pais **tãø** criando os filhos (amb)

(5): envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural; inclui o par foi/foram que perde a semivogal.

- a. *A tecnologia* **foi** bom para um lado e ruim pro outro (amb)
- b. Derrubaram algumas casas antiga que **foram** tiradas... (afb)

(6): envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas.

- a. o aluno **vaiø** sendo aprovado (imb)
- b. os governos **vãø** empurrando- (imb)
- c. **éø** cinquenta e cinco anos (imb)
- d. quem manda **sãø** eles (imb)

A abordagem da saliência fônica em nossas codificações não considerou os subníveis apresentados pelos autores. A abordagem aqui utilizada foi de mais saliente e menos saliente. Para *mais saliente* observamos que quando na oposição singular e plural há uma acentuação em um dos membros, já a *menos saliente* observamos os segmentos fonéticos na oposição singular e plural não são acentuados.

Exemplos:

²⁴ Leme e Naro definem melhor esse tipo de saliência: "elemento vocálico tônico oral no singular, em contraste com ditongo tônico nasal no plural. Envolve ditongação e/ou mudança na qualidade da vogal na forma plural. Exs.: está/estão; dá/dão; vai/vão"(LEMLE e NARO, 1977 *apud* MONTE, 2014)

Maior saliência: nós chegamos (ifs)

Menor Saliência: e levarem a moto tudo bem (afs)

Em relação à posição de sujeito, outra variável por nós selecionada, esta tem sido vista nos trabalhos sobre concordância como uma variável significativa, como demonstram Oliveira (2005) e Santos (2010), em estudos realizados na Bahia e no Mato Grosso do Sul, respectivamente. Abaixo estão demonstradas algumas ocorrências retiradas de nosso *corpus*.

(7) Sujeito anteposto ao verbo \Rightarrow a: alguns **livros** contam que (ams)

(8) Sujeito posposto ao verbo \Rightarrow já não é mais as casas de antigamente né – (ime)

Sobre a distância entre sujeito e verbo, utilizamos a classificação apresentada por Scherre (2007), exemplificadas abaixo:

(9) a. os pais parece que às vezes (0 sílabas de distância)

(10) a. - e meus pais por este fim - foi obrigado a se mudar (4 sílabas de distância)

3.6 – Processo de transcrição, codificação e quantificação

Após a realização e gravação das entrevistas, fizemos a transferência dos arquivos para o programa *Express Scribe*, que auxiliou na transcrição dos áudios. Para a elaboração do *corpus*, utilizamos as normas de transcrição do PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), grupo de pesquisa vinculado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, vinculado também ao Programa de Pós-Graduação, Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

Com os áudios transcritos, foram selecionadas as sentenças em que o sujeito ou o verbo apareciam no plural e em seguida procedemos à codificação dos dados com o auxílio do Excel. Foram selecionadas 323 sentenças com sujeito no plural, 224 com concordância e 99 sem concordância verbal. Os códigos atribuídos estão elencados abaixo:

TABELA 3: Códigos atribuídos às variáveis controladas

Variáveis	Códigos
Variável dependente	0 – Presença de elementos que indicam concordância verbal 1 – Ausência de elementos que indicam concordância verbal
Variáveis independentes sociais	
Sexo	m – Masculino f - Feminino
Faixa etária	j - Jovem a - Adulto i - Idoso
Escolaridade	b - Ensino fundamental e - Ensino Médio s - Ensino superior
Variáveis linguísticas independentes	
Distância entre sujeito e verbo	0 – sílabas = 5 0 -2 Sílabas = 2 3-10 Sílabas = 3 >10 Sílabas = 4
Saliência fônica	x = Mais saliente y = Menos saliente
Posição do sujeito	t = Sujeito anteposto ao verbo w = Sujeito posposto ao verbo

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Após a codificação, os códigos eram copiados do Excel, colados no programa computacional GoldvarbX e rodados. Só então, os resultados eram apresentados com porcentagens e pesos relativos, agilizando a pesquisa porque “*O objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir números (por exemplo, medidas estatísticas para resumir os dados), mas identificar e explicar fenômenos linguísticos.*” Guy e Zilles (2007, p. 31). Ou seja, os dados quantificados trazem perspectivas de variáveis que auxiliam ou não na variação de determinados fenômenos linguísticos e possível probabilidade de mudança, não são apenas números vazios de significado.

Tendo apresentado as diretrizes metodológicas da nossa pesquisa, trataremos, no próximo capítulo, da análise dos dados selecionados.

4 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados das variáveis que o programa Goldvab X, conforme as estatísticas geradas, exibiu como significativas e não significativas para o fenômeno da variação de concordância verbal. Também serão cruzadas algumas variáveis significativas e discutidos os resultados obtidos, considerando os aspectos linguísticos e extralinguísticos, uma vez que, “a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico” (COELHO *et al*, 2015, p.59).

Partimos da apresentação geral dos dados, com os resultados gerais para a aplicação e não aplicação da concordância, considerando a totalidade das sentenças selecionadas, para, em seguida, apresentar as variáveis significativas que atuaram na variação. Os resultados discutidos neste capítulo referem-se à análise considerando os dados de três grupos: jovens, adultos e idoso.

4.1 – Variável dependente

A concordância verbal é vista nesta análise como uma variável binária, pois apresenta duas formas concorrentes, uma, que apresenta marcas de plural, sendo considerada padrão e de prestígio; e a outra, que não apresenta marcas de plural, vista como não padrão e estigmatizada.

Os dados orais (jovens, adultos e idosos) coletados na cidade de Coruripe apresentaram 323 ocorrências de presença e ausência de concordância verbal que envolveram as primeiras e as terceiras pessoas do plural, como podemos observar na tabela abaixo.

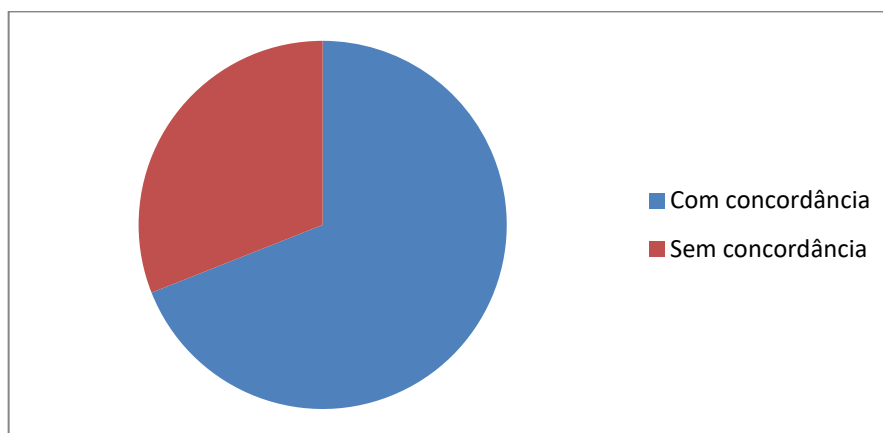
TABELA 4: Resultado geral da variável dependente binária de concordância na cidade de Coruripe

Variante	Ocorrências	Porcentagem
Com concordância	224	69%
Sem concordância	99	31%
Total	323	100%

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Foi constatado, por meio da quantificação dos dados, que há variação do fenômeno em estudo. No entanto, a variante de prestígio é mais utilizada pelos indivíduos do município com 224 ocorrências, enquanto a variante inovadora e desprestigiada apresentou 99 ocorrências. O gráfico abaixo apresenta os resultados das variantes com maior clareza.

Gráfico 1 – Resultado geral das variantes de concordância verbal no município de Coruripe.



FONTE: VIEIRA, Pollyanna

O gráfico acima mostra que a marcação de plural é mais utilizada entre os falantes, exibindo 69% de ocorrência. Já a ausência de marcação de plural apresentou 31%, menos da metade da outra variante, ou seja, assim como comprovam os estudos em outras comunidades do Brasil, a concordância verbal é um fenômeno variável. Vejamos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*.

Presença de marcas de concordância verbal

- (11) a. os jovens - *eles* **são** seduzidos pelas propagandas (amb)
- b. que *esses alunos* **precisam** muito de regras (amb)
- c. se não tiver regras *eles* - **querem** - tomar conta (amb)

Ausência de marcas de concordância verbal

- (12)

a. que *eles tinha* morrido (ifb)

b. *diversos prefeitos* já **beneficiou** (ife)

A seguir, apresentamos e discutimos as variáveis significativas apresentadas pelo programa estatístico utilizado.

4.2 – Variáveis significativas

As variáveis independentes que o programa Goldvarb X selecionou como significativas encontram-se elencadas, na respectiva ordem dada pelo programa estatístico: *escolaridade, saliência fônica, posição do sujeito e faixa etária*.

Podemos destacar que o resultado da rodada indica que as variáveis sociais e linguísticas condicionam a variação da concordância em Coruripe, ou seja, neste trabalho, a variação da concordância verbal está relacionada aos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os resultados para cada variável significativa elencada acima passam a ser discutidos nas subseções a seguir, elencadas de acordo com a ordem dada pelo Goldvarb.

4.2.1 – Variável escolaridade

A variável escolaridade foi o primeiro fator considerado pelo programa como significativo. Para ela, utilizamos três fatores: ensino fundamental 2, ensino médio e ensino superior. Nossa hipótese inicial, baseada nas pesquisas realizadas no Brasil, era a de que quanto maior o nível de escolaridade maior seria a ocorrência de marcas de plural entre o sujeito e o verbo. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 5: Resultado para a variável escolaridade em relação à aplicação de concordância

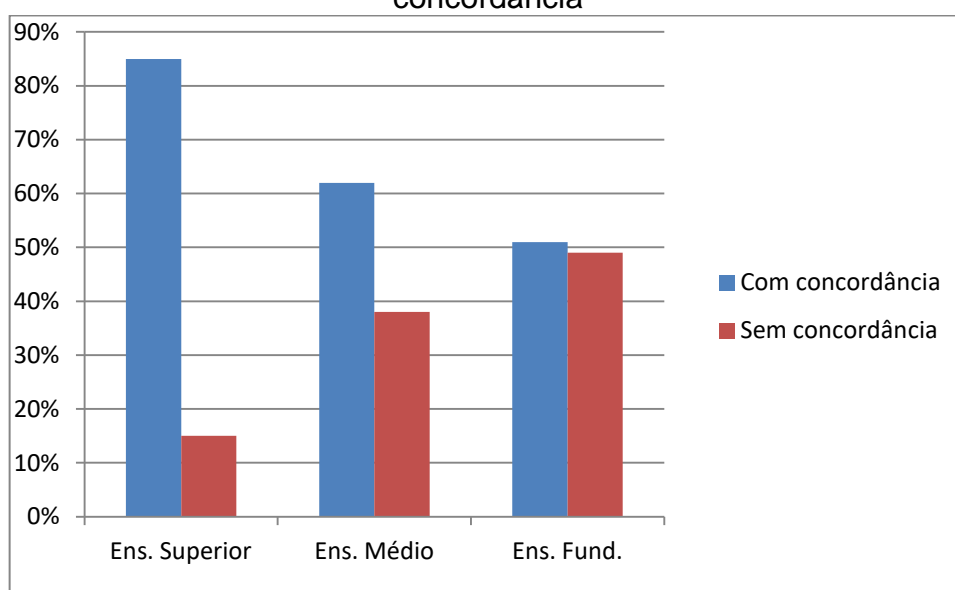
Variável escolaridade	Com concordância/ ocorrências	Sem concordância/ ocorrências	Ocorrências	Peso relativo
Superior	85%/ 125	15%/23	148	.72
Médio	62%/53	38%/32	85	.33
Fundamental 2	51%/46	49%/44	90	.28

Total de	224	99	323	_____
ocorrências				

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Por meio das leituras da tabela acima, percebemos que os dados confirmam que a comunidade de Coruripe segue os padrões dos estudos sobre o fenômeno da concordância, como mostrada por Santos (2013) um nível maior de escolaridade ocasiona mais marcas de concordância entre sujeito e verbo.

GRÁFICO 2: Resultado geral da variável escolaridade para aplicação da concordância



FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Ao visualizar o gráfico que representa as porcentagens da variável escolaridade, percebemos que a concordância verbal é mais utilizada por falantes que possuem ensino superior, ou seja, o acesso à norma padrão, ou não, está diretamente interligado as escolhas linguísticas do falante ao expressar o vernáculo, uma vez que pessoas com o ensino superior fazem mais uso da concordância que as que possuem ensino médio ou fundamental.

(13) Fundamental

- a. os menino caía (imb)
- b. os avós dele perderam as terra todinha do Oiticica (imb)

(14) Médio

- a. Diversos prefeitos já beneficiou (ife)
- b. e agora nós já lavamos dentro de casa né (ife)

(15) Superior

- a. não *existe as coisa* que tá existindo hoje (ims)
- b. todos eles hoje - é - tão bem sucedidos na vida (ims)
- c. porque as ruas antigamente não eram calçada (ims)

Coelho *et al* (2015, p.41) ao descrever a escolaridade, exemplificando com concordância nominal, nos mostra que:

Perceba-se que, nesse estudo, os índices de concordância nominal padrão (em oposição à ausência de concordância nominal padrão) vão crescendo conforme aumentam os anos de escolarização dos falantes, indicando que os que passaram mais tempo em ambiente escolar produzem em maior número a variante considerada padrão.

Mesmo o nível superior apresentando maior concordância verbal podemos ver que o ensino médio fez mais uso de concordância verbal que o ensino fundamental. No entanto, ambos fazem menos ocorrências quando comparado ao ensino superior. Assim, ratificamos que quanto maior o nível de escolarização maior é a possibilidade dos indivíduos apresentarem marcas de concordância padrão.

4.2.2 – Variável saliência fônica

A variável linguística saliência fônica, analisada nos estudos de Naro e Scherre (2007), foi a terceira variável considerada pelo programa estatístico como significativa. Os resultados apresentados em diversos trabalhos, tais como Monte (2014) e Araújo e Lucchesi (2016) mostraram que quanto mais saliente seja o verbo maior será as ocorrências da variante padrão. Observemos as ocorrências e os pesos relativos abaixo.

TABELA 6: Resultado para a variável saliência fônica para concordância

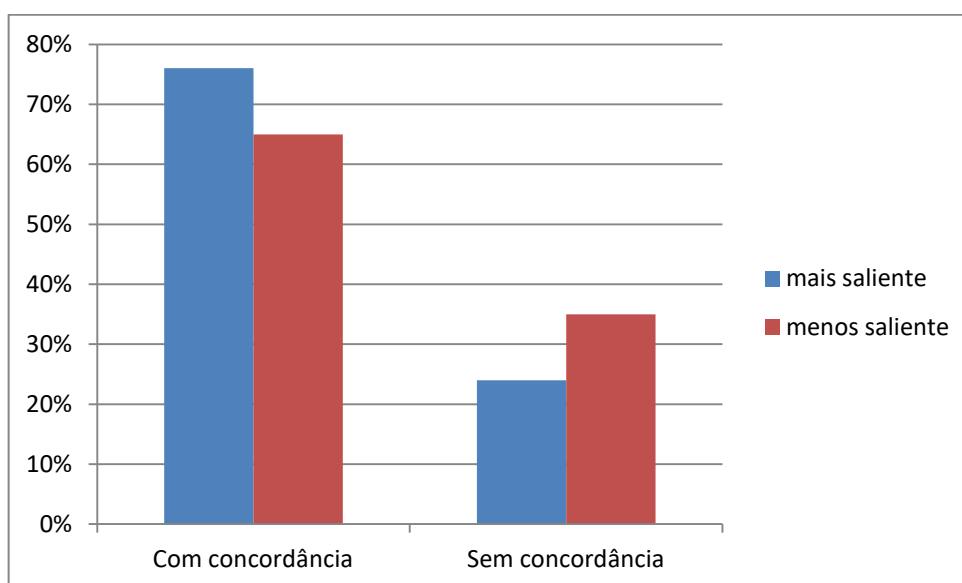
Variável saliência fônica	Com concordância	Sem concordância	Ocorrências	Peso relativo
Menos saliência	65%	35%	188	.41

Mais saliência	76%	24%	135	.61
Total de ocorrências	224	99	323	_____

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Os resultados fornecidos pelo programa Goldvarb X revelam uma aproximação no peso relativo entre os dois níveis de saliência fônica. No entanto, é perceptível que as ocorrências nos casos de maior saliência são superiores as de menor saliência, pois “quanto menor for a diferença entre as formas não-marcada e marcada, ou quanto menor for o grau de perceptibilidade da diferença fônica entre elas, maior será a possibilidade de ela se anular” (SGARBI, 2006, p. 128). A visualização, por meio da porcentagem, reforçará essa afirmação.

GRÁFICO 3: Resultado total da saliência fônica em porcentagem para concordância



FONTE: VIEIRA, Pollyanna

A utilização de verbos que na forma plural apresentam uma maior marcação de saliência fônica em relação à forma singular, é vista no gráfico acima, favorecendo a realização da variável dependente de maior prestígio. Como confirma Monte (2014, p.161):

... os verbos cujos segmentos fonéticos que realizam a oposição são inacentuados (oposição menos saliente) tendem a não trazer a marca formal de plural. Já quando a diferença entre a forma singular e plural é muito perceptível, temos um forte fator condicionante para os verbos serem marcados.

(16) Mais saliência

- a. *Nós íamos* - passávamos as férias na - na Lagoa do Pau (afb)
- b. Eles *estão* mais livre (afb)

(17) Menos Saliência

- a. alunos não *valoriza* e ainda tem pai que reclama (afs)
- b. eles *davam* todo apoio pra os estudo p. vinte e quatro

4.2.3 – Variável posição do sujeito

A variável registrada pelo programa Goldvarb considerou como hipótese se as realizações em que o sujeito estava anteposto ao verbo promoviam a variável dependente padrão, enquanto o sujeito posposto ao verbo promovia a variável dependente inovadora. Observemos os resultados:

TABELA 7: Resultado para a variável posição do sujeito para concordância

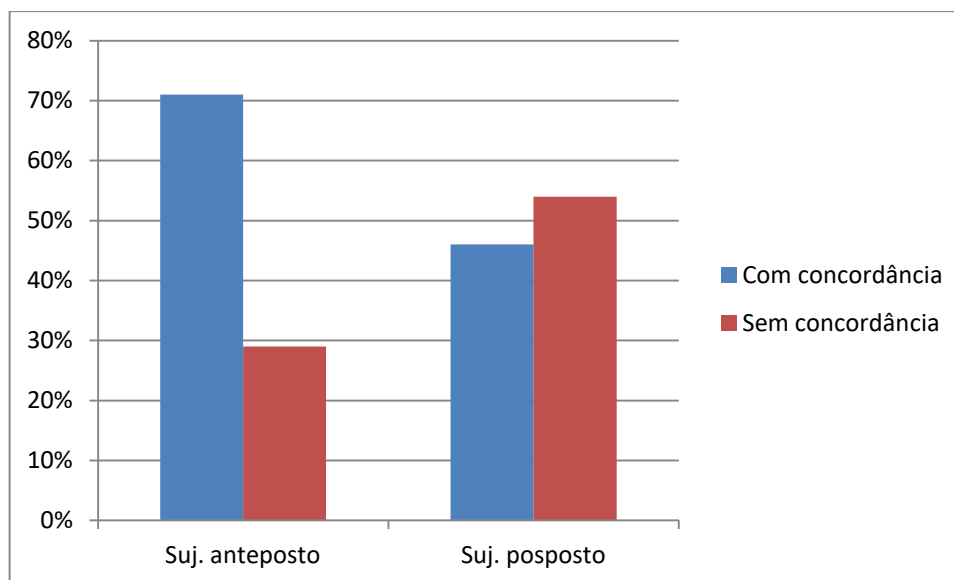
Variável posição do sujeito	Com concordância/ocorrências	Sem concordância/ocorrências	Ocorrências	Peso relativo
Sujeito anteposto	71%/213	29%/86	299	.52
Sujeito posposto -w	46%/11	54%/13	24	.25
Total de ocorrências	224	99	323	—

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

A hipótese inicial foi confirmada também com nossos dados. Para Scherre e Naro (1998, p.10).

... a posição à esquerda – a posição de proeminência tópica – favorece mais marcas explícitas de plural do que a posição à direita, tanto para os dados da concordância verbal quanto para os da concordância nominal, independentemente do nível de escolarização dos falantes.

GRÁFICO 4: Resultado percentual da variável posição do sujeito para concordância



FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Os resultados, por meio do percentual, reforçam as afirmações de diversas pesquisas (SANTOS, 2010) que apresentaram a variável posição do sujeito como significativa.

(18) Sujeito Anteposto

- a. eu e os meninos *ficava* aí brincando jogo de bola mesmo (jme)
- b. porque antes os velhos *tinha* costumes de sentar na porta né- (jme)

(19) Sujeito posposto

- a. depois veio o: o esses prefeito todinho (imb)
- b. existe bons professores (ifs)

A ordem sujeito verbo também foi considerada significativa nos trabalhos Freitas(2015), Luchesi (2015), Araújo e Luchesi (2016) e Naro e Sherre (2007) que apontaram que quando o sujeito está anteposto ao verbo maior a probabilidade de ocorrer a concordância verbal entre os falantes.

4.2.4 - A variável faixa etária

Usamos três fatores de análises para a variável faixa etária: jovens - de 20 a 30 anos, adultos – de 40 a 50 anos e idosos – acima de 60 anos de idade. A hipótese levantada para essa variável, considerando os trabalhos referenciados no

capítulo anterior, foi a de que informantes jovens e adultos fazem maior uso da concordância verbal do que os informantes idosos. As ocorrências e os pesos relativos dessa variável serão exibidos na tabela seguinte.

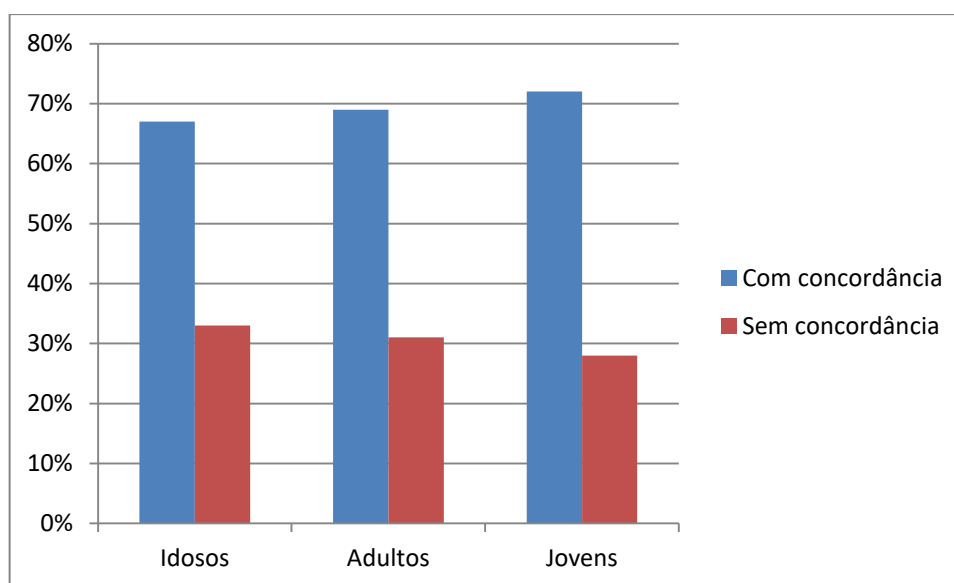
TABELA 8: Resultado da presença e ausência de concordância verbal na variável faixa etária

Faixa etária	Com Concordância/ ocorrências	Sem concordância/ ocorrências	Ocorrências	Peso relativo
Idosos	67%/64	33%/31	95	.46
Adultos	69%/105	31%/47	152	.44
Jovens	72%/55	28%/21	76	.65
Total de ocorrências	224	99	323	

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

A tabela acima revelou que os adultos utilizam mais a concordância (69%) do que a não concordância (31%), tendo como resultado do peso relativo foi de .44, menor que o peso relativo mínimo exigido para ser considerado relevante, .50. Os idosos também apresentaram porcentagem de presença de marcas de plural (67%) enquanto que a ausência de marcas de plural teve ocorrência menor (31%), resultando no peso relativo de .47 mas abaixo do considerável relevante. Já apresentaram a porcentagem para concordância de 72% e não concordância de 28% e um peso relativo favorável para concordância de .65, nossa hipótese foi confirmada pois, os jovens estão realizando mais a concordância verbal. No entanto, também concordamos com Labov (2008, p.133), pois “há motivos para crer que falantes mais velhos têm menos capacidade de mudar, e que só os muito jovens, recém-saídos da pré- adolescência, conseguem fazer mudanças radicais em seu padrão graças à atenção consciente.”, ou seja, os jovens são agentes da mudança linguística. Vejamos o gráfico da porcentagem apresentado abaixo:

GRÁFICO 5: Resultado geral da variável faixa etária para concordância



FONTE: VIEIRA, Pollyanna

É observável que os jovens (entre 20 a 30 anos) realizam mais concordância verbal que os adultos (40 a 50 anos) e os idosos (acima de 60 anos), como foi sugerido nas hipóteses. Esse resultado corrobora com os resultados de outros trabalhos sobre o fenômeno em estudo. Alguns estudiosos inferem que esse tipo de resultado, sobre variável faixa etária, está relacionado à despreocupação do falante idoso devido não necessitar mais competir no mercado de trabalho. Diferentemente dos adultos e jovens que estão inseridos, ou querem estar, no mercado de trabalho.

(20) Jovens

- e eles -tipo -não oferecem -a prefeitura não oferece (jfs)
- aí eles não procuram também - e assim vira aquele conjunto deformado

(21) Adultos

- aqui tem de tudo pras coisas crescerem (afe)
- meus pais sempre foi aquela pessoas simples (afe)

(22) Idosos

- Nós não temos liberdade (ifs)
- as terra não dava lavoura (imb)

Vimos com os resultados que os jovens produzem mais a variante de prestígio, isso também foi apresentado no trabalho de Lucchesi(2015).

4.3 – Variáveis não significativas

4.3.1 - Sexo

Baseando-nos em estudos sobre o condicionamento da variável sexo no fenômeno da concordância verbal, sugerimos que os papéis sociais e históricos exercidos por homem e mulher têm influência na seleção na variável dependente pesquisada e opinamos que as mulheres são sensíveis à variante inovadora. A tabela abaixo nos revelará como essa variante se apresentou na cidade de Coruripe.

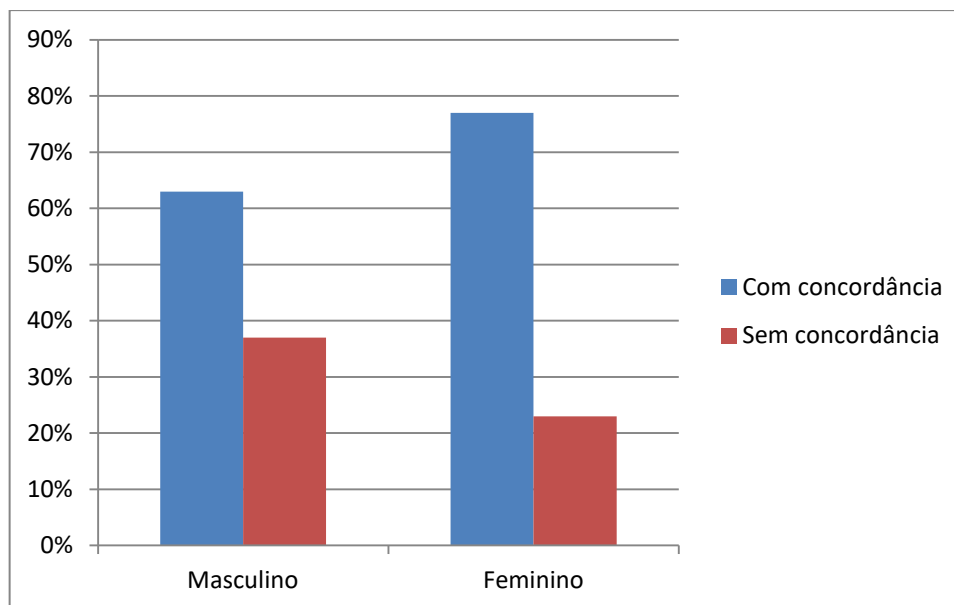
TABELA 9: Resultado total para a variável sexo

Variável sexo	Com concordância/ ocorrências	Sem concordância/ ocorrências	Ocorrências
Masculino	63%/	37%	175
Feminino	77%	23%	151
Total de ocorrências	224	99	323

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Podemos verificar que as ocorrências do sexo masculino e feminino são mais altas para concordância, apresentando pela porcentagem (M – 63% e F- 77%), o que demonstra a relevância da variável na comunidade em estudo. Por outro lado, ao considerarmos os dados em termos de percentual considerado, observamos que na variação não foi tão significativa. Esse resultado se aproxima ao de outra pesquisa realizada em Alagoas de autoria de Nunes Santos (2013). As porcentagens são apresentadas no gráfico 7, a seguir.

GRÁFICO 6: Resultado para a variável sexo para concordância



FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Labov (2008:346) nos diz que “caso após caso, descobrimos que as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”, no entanto, nossos resultados apontaram para uma maior marcação de concordância verbal para as mulheres (77%) do que para os homens (63%).

4.3.2 – Variável distância entre sujeito e verbo

Para a segunda variável não significativa na rodada, conforme apontada pelo programa estatístico escolhido, a hipótese levantada vislumbrava que uma proximidade entre sujeito-verbo tornava favorável a ocorrência da variável dependente de maior prestígio. Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 10: Resultado total para a variável distância entre sujeito e verbo para concordância

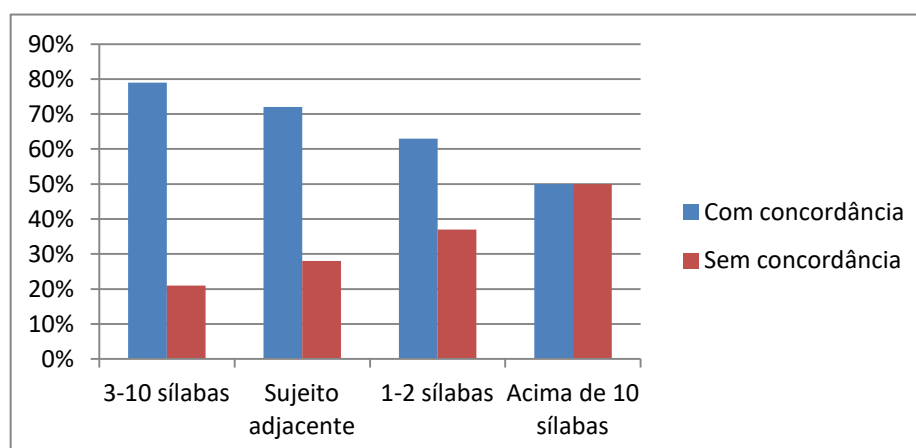
Variável distância s/v	Com concordância/ ocorrências	Sem concordância/ ocorrências	Ocorrências
1-2 sílabas = 2	63%/64	37%/38	102
3—10 sílabas=3	79%/19	21%/5	24
> 10 sílabas =4	50%/2	50%/2	4

Sujeito adjacente	72%/139	28%/54	193
Total de ocorrências	224	99	323

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Os resultados dessa variável, dividida em quatro níveis tendo inicialmente como base Naro & Scherre (2007), três níveis (0-2,3-10 e acima de 10 sílabas), e posteriormente atendendo as necessidades da pesquisadora com quatro níveis (0 sílabas, 1-2 sílabas e 3-10 e acima de 10 sílabas), mostram que quando a distância entre sujeito-verbo é de 0 sílabas, os falantes exibem mais ocorrências (72%) da variável linguística de prestígio, enquanto que quando a distância entre sujeito-verbo é acima de 10 sílabas, as ocorrências caem para (50%), ou seja, quanto mais próximo do sujeito está o verbo maior a probabilidade de aparecer a variante de prestígio. Abaixo está o gráfico que representa percentualmente a segunda variável não significativa para o programa.

GRÁFICO 7: Resultado percentual da variável sujeito-verbo para concordância



FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Coerentemente com os resultados de outras pesquisas, mesmo não sendo significativa para o Goldvarb, o gráfico indica que quanto menor o número de sílabas entre sujeito-verbo, maior a possibilidade de concordância e as realizações de maior distância entre sujeito-verbo promovem a não concordância.

(23) 0 sílabas (sujeito adjacente)

a. aí- que *ele foi* devorado pelos índios- é o que os *povo contam* (jfe)

(24)1-2 sílabas

b. nós não somos valorizados né (afs)

3-9 sílabas

c. eles às vezes não acordam pra isso

>10 sílabas

d. *o pessoal* começaram a se interessar por matemática - graças a Deus - *são* meus substitutos né

4.4 – Cruzamentos

Por meio da observação de nosso *corpus* e os resultados obtidos, entendemos que há a necessidade de cruzar as variáveis significativas, eleitas pelo programa GoldvarbX, uma vez que os nossos resultados apresentaram variáveis linguísticas e sociais como significativas.

Ao fazermos os cruzamentos das variáveis escolaridade e saliência fônica, a primeira e a segunda variáveis consideradas significativas para o Goldvarb, pudemos observar que correspondem aos resultados vistos nas análises vistas no item anterior. Vejamos os resultados abaixo:

4.4.1 -Cruzamento da variável e saliência fônica

Tabela 11 : cruzamento da variável escolaridade e saliência fônica

Maior ou menor Saliência	Ausência ou presença de concordância	Escolaridade			Total
		Superior	Médio	Fundamental	
Menor	Presença	84%	44%	50%	65%
Menor	Ausência	16%	56%	50%	35%
Maior	Presença	85%	65%	71%	76%
Maior	Ausência	15%	35%	29%	24%

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Por meio dessa tabela podemos afirmar que quanto maior for a saliência e a escolaridade maior será a probabilidade dos cidadãos de Coruripe realizarem a concordância.

O cruzamento entre escolaridade e posição do sujeito também foi realizado, uma vez que a posição do sujeito foi considerada como grupo de fator significativo.

4.4.2 - Cruzamento da escolaridade com a variável posição do sujeito

Tabela12: Cruzamento da escolaridade com a variável posição do sujeito

Posição do sujeito	Ausência ou presença de concordância	Escolaridade			Total
		Superior	Médio	Fundamental	
Sujeito Anteposto	Presença	86%	65%	52%	71%
	Ausência	14%	35%	48%	29%
Sujeito posposto	Presença	62%	29%	44%	46%
	Ausência	38%	71%	56%	54%

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Podemos observar que o sujeito anteposto ao verbo fornece interferência na escolaridade, principalmente no nível de escolaridade superior concordando com nossa hipótese de que quanto maior o grau de escolaridade maior será a presença da concordância entre os falantes da cidade.

Também fizemos o cruzamento da variável escolaridade com a variável faixa etária, também considerada significativa pelo programa estatístico.

4.4.3 - cruzamento da variável escolaridade com a variável faixa etária

Tabela 13: Cruzamento da escolaridade com a variável faixa etária

Faixa etária	Ausência ou presença de concordância	Escolaridade			Total
		Superior	Médio	Fundamental	
Idoso	Presença	91%	58%	29%	67%
	Ausência	9%	41%	71%	33%
Adulto	Presença	81%	45%	55%	69%
	Ausência	19%	55%	45%	31%
Jovem	Presença	85%	76%	62%	72%

Ausência	15%	24%	38%	28%
----------	-----	-----	-----	-----

FONTE: VIEIRA, Pollyanna

Ao cruzarmos as variáveis faixa etária e escolaridade, foi apresentado na tabela acima que a escolaridade tem influência sobre a faixa etária, uma vez que as porcentagens foram bastante significativas quando foi observado o nível superior. Os jovens apresentaram também uma porcentagem grande quando comparada aos idosos e adultos, demonstrando que quanto mais jovem e quanto o maior nível de escolarização maior será a aplicação da concordância na comunidade. Podemos inferir que os altos índices do IDEB tem influenciado a faixa etária, uma vez que os mais jovens estão realizando mais concordância do que as outras faixas etárias.

Neste capítulo, foram reveladas as variáveis significativas apontadas pelo programa estatístico como relevantes para as realizações da variante de prestígio, bem como as variáveis não significativas para esse fenômeno, reafirmando a maioria de nossas hipóteses.

Os resultados estão apresentados de acordo com a ordem de relevância exibida pelo programa estatístico, do mais significativo ao menos significativo. Isso direciona a seleção da variante, predomínio da variedade padrão, por meio das cinco variáveis expostas acima.

Vimos também que os cruzamentos realizados com o grupo de fatores de porcentagem significativa ratificam as nossas hipóteses.

CONCLUSÕES

A hipótese norteadora dessa pesquisa foi a de que a concordância verbal na fala dos cidadãos da cidade de Coruripe poderia ou não apresentar variação entre marcas de concordância e ausência de concordância quando não estão monitorados. Para isso, fizemos uso de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Ao rodar os dados no programa estatístico constatamos que a variação ocorre na comunidade, pois o programa apontou 31% de ocorrências de ausência de marcas de plural para 69% de presença de marcas de concordância.

Ao considerar as variáveis linguísticas e sociais neste estudo, pudemos observar que foram consideradas significativas, nesta ordem: I) escolaridade , II) saliência fônica, III) posição do sujeito e IV) faixa etária; já V) sexo e VI) distância entre sujeito e verbo foram vistas como não significativas. No entanto, todas as hipóteses foram confirmadas, mesmo as consideradas estatisticamente como não significativa:

- I) Escolaridade – vislumbrava que quanto maior o nível de escolaridade mais se utiliza a norma padrão, presença de marcas de plural;
- II) Saliência fônica – foi considerado que quanto maior a saliência fônica maior uso da norma padrão;
- III) Posição do sujeito – Supomos que o sujeito antes do verbo aumenta a possibilidade do uso da presença de marcas de plural;
- IV) Faixa etária – conjecturamos que a faixa etária dos jovens apresentaria mais marcas de concordância do que as demais faixas, adultos e idosos;
- V) Sexo – Foi considerado que as mulheres realizam mais concordância que os homens;
- VI) Distância entre sujeito e verbo – a hipótese foi a de que quanto mais próximo o sujeito e verbo estiverem maior será a presença de marcas do plural.

No entanto, mesmo com os resultados alcançados nesta pesquisa pioneira na cidade, se faz necessário outros estudos sobre a concordância verbal nesta comunidade uma vez que devido ao recorte dado alguns pontos não foram contemplados nesta pesquisa, são eles:

- a) Ampliar o *corpus*, uma vez que os indivíduos desta pesquisa residem na área urbana do município e não na zona rural que é maior que a urbana;
- b) Verificar outros grupos de fatores que não foram selecionados neste trabalho;
- c) Comparar o estudo a outros realizados no interior alagoano sobre concordância verbal;
- d) Procurar explicações linguísticas para o fenômeno em tela e ratificar por meio de outras teorias linguísticas

Assim, o trabalho aqui apresentado constatou que há variação na fala dos cidadãos da cidade de Coruripe/AL e que as variáveis linguísticas e extralinguísticas adotadas favorecem as ocorrências da variante padrão, de prestígio.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO. S. S. F.; LUCCHESI. D. Um estudo contrastivo sobre a concordância verbal em Feira de Santana e em Luanda. **PAPIA**, São Paulo, 26(1), p.71-99, Jan/Jun2016. Acesso em: 2 de outubro. 2017.
- COELHO et al. **Para conhecer: sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COSTA. J. ; FIGUEIREDO SILVA, M. C. 2006. Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In: COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (Eds.) *Studies on Agreement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- FERNÁNDEZ, F. M. **Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel Letras, 2009.
- FIGUEIREDO SILVA. M. C. A posição sujeito no português brasileiro. Frases finitas e infinitas. São Paulo: editora da UNICAMP, 1996.
- FREITAS. R. A. Variação linguística e práticas pedagógicas. **Cadernos de Letras da UFF Dossiê**: nº 51, p. 63-81.2015. Acesso em: 15 outubro 2017.
- GRACIOSA, D. M. D. Concordância verbal na fala culta carioca. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- GALVES C. M. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português /— Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.*
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994, v. 1.
- LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências Básicas do Português Mobral**. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1977.
- LUCCHESI. D. A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador. **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 52, ago-dez|2015, Salvador: pp. 166-204. Acesso em: 20 outubro 2017.
- LUCCHESI; D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009.
- MAGALHAES, T. M.V.. A valoração de traços de **concordância** dentro do DP. **DELTA [online]**. 2004, vol.20, n.1, pp.149-170. ISSN 0102-4450. Acesso em: 10 de junho de 2017.

MONTE, A. A variação da concordância verbal no português popular da cidade de São Carlos. In: COSTA, D. S. (org.). **Pesquisas linguísticas pautadas em corpora** [online]. São Paulo: Editora <http://acervodigital.unesp.br> /handle/unesp/178001?locale=es_ES. Acesso em: 02 setembro de 2018.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**. 1981, LSA, 57(1):63-98.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?** 2005, 190f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>. Acesso em: 04 setembro. 2017.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado no Brasil. In: RUFFINO, G. (org.). **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Università di Palermo. Tubingen. Max Nimeyer Verlag. 5: 509-523, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, 23: esp., 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502007000300012&script=sci_abstract. Acesso em 15/03/2018.

VIEIRA, S. R. Aspectos da concordância verbal em dialetos populares. **Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino**. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, p. 323-327, 1994.

VITORINO.M.A., SILVA.C.R.T. **Livros didáticos de português: como enfocam concordância e sujeito posposto?**. SOLETRAS. Disponível em :<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/7915>. Acesso em : 21 de agosto de 2017

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006. 196f. Tese (Doutorado em Ciências e Letras). Universidade Estadual Paulista, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>. Acesso em 20 agosto de 2018.

SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro**, p. 335-378.1996.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, E. S. P. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia et al. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP. 2008.